

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC – SP

Daniela Escobari

Quem da pátria sai a si mesmo escapa?
Um estudo psicanalítico sobre um caso de migração

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO
2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC - SP

Daniela Escobari

Quem da pátria sai a si mesmo escapa?

Um estudo psicanalítico sobre um caso de migração

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

*A Laura, a quem sou muito grata por ter me levado a lugares
estrangeiros dentro de mim e também a todos aqueles que são
enamorado do desconhecido.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck, por me oferecer o espaço do Laboratório de Psicopatologia Fundamental e a possibilidade de ser-aí. Através de sua sábia orientação, senso de humor, excentricidade e afeto, pude ser iniciada na Academia e levar comigo as marcas de um verdadeiro rito de passagem.

À Prof^a Dr^a Eliana dos Reis Calligaris, pela interlocução afiada e comentários preciosos, sem falar na generosidade e disposição de vir de Nova Iorque a São Paulo participar de minha qualificação e banca.

À Prof^a Dr^a Mirian Debieux, pelos muitos ensinamentos durante todo o mestrado, contribuições fundamentais para a realização desta pesquisa e presença em minha qualificação e banca.

Ao CNPq, pelo apoio e incentivo financeiro.

Aos caros colegas pesquisadores do Laboratório de Psicopatologia Fundamental pelo acolhimento, respeito e contribuições feitas ao meu trabalho. Em especial a Julieta Jerusalinsky, que generosamente leu e teceu comentários importantes ao caso clínico.

Ao meu marido Martin, por tu amor y por el mio.

À minha filha Lara, por me dar a honra de aprender com ela a aventura de ser mãe.

À Elis Cristina Chasan, por ser a “irmã de coração”, sempre presente.

Ao Júlio Nascimento pela amizade e companhia durante todo o percorrido, nas leituras, comentários e contribuições.

A todos aqueles que de alguma forma colaboraram para a realização desta pesquisa.

“Quem da pátria sai a si mesmo escapa?” Um estudo psicanalítico sobre um caso de migração

Daniela Escobari

RESUMO

Os problemas em torno da migração, como surtos psicóticos, depressão, alcoolismo, desenraizamento, dificuldade de adaptação e estresse são apontados em muitos estudos, revelando a importância do tema no campo da saúde. É ainda consenso que o fenômeno migratório tem implicações para o sujeito, seu grupo familiar, comunidade e até mesmo nação.

A escuta de pacientes na clínica revelou que o sofrimento primeiramente atribuído à experiência migratória trazia de forma subjacente histórias que pareciam articular-se ao modo como ocorreu o processo de subjetivação desses sujeitos. Passamos a levantar a hipótese de que em alguns casos a migração poderia ser uma tentativa de saída diante de certos impasses psíquicos. Tornou-se portanto, nosso objetivo, identificar e interrogar as origens e vicissitudes deste tipo de movimento psíquico que encontramos presente no deslocamento geográfico de alguns sujeitos.

A presente pesquisa psicanalítica, dentro do campo da psicopatologia fundamental nos permitiu identificar um movimento que chamamos de tentativa de (re)construção parental, e que a partir da leitura do caso clínico apresentado pudemos formular em três vertentes: “Migração e o estrangeiro”/ (re)construção paterna, “Migração como o ‘espaço entre’” e “Migração e o segundo espelho”/reconstrução materna.

Palavras-chave: migrante, migração, psicanálise, psicopatologia fundamental.

“He who leaves his home country, escapes from himself?”

A psychoanalytical study about migration

Daniela Escobari

ABSTRACT

The problems surrounding migration include psychotic surges, depression, alcoholism, adaptation disorders, stress which are discussed in multiple studies, making clear the importance of the issue for mental health. It is broadly agreed, that migration has clear implications for the individual, her family, her community, and the nation as a whole.

Listening to patients in clinical settings, showed that suffering associated with migration had as undercurrents stories of how these individuals were psychologically built-up. We raise the hypothesis that migration in some cases could be an exit attempt from certain psychological impasses. Our objective therefore became to identify and investigate the origins and vicissitudes of this kind of psychological movement that we found in the geographical dislocation of certain subjects.

This psychoanalytical study, within the field of fundamental psychopathology, allowed us to identify a movement we called an attempt of parental (re)construction. From the clinical case, we were able to formulate three streams of parental (re)construction: “Migration and Foreignness” / paternal (re)construction, “Migration as the ‘space in between’” and “Migration and the second mirror”/ maternal (re)construction.

Keywords: Migrant, migration, psychoanalysis, fundamental psychopathology.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
	1.1. Origem da pesquisa.....	14
2.	METODOLOGIA.....	23
3.	“MIGRAÇÃO E O ESTRANGEIRO”/ reconstrução paterna.....	28
	3.1. Caso clínico de Laura - “Este pai tão estrangeiro”	28
	3.2. Considerações sobre o caso.....	41
4.	“MIGRAÇÃO COMO O ‘ESPAÇO ENTRE’”	56
	4.1. A experiência de Bonneuil.....	56
	4.2. Caso clínico de Ana.....	64
5.	“MIGRAÇÃO E SEGUNDO ESPELHO” /reconstrução materna.....	77
	5.1. Vidas tipo exportação ou <i>life style</i> para brasileiro ver.....	77
	5.2. Cartas.....	84
	5.3. De um clã a Outro.....	90
	5.4. A “Melancolia erótica” do migrante.....	97
6.	CONCLUSÃO.....	117
7.	REFERÊNCIAS	118

1. INTRODUÇÃO

Deus é um cara gozador, adora brincadeira.

Pois pra me jogar no mundo, tinha o mundo inteiro.

Mas achou muito engraçado me botar cabreiro.

Na barriga da miséria, nasci brasileiro.

Chico Buarque, *Partido Alto*

Ninguém faz estória no quarto em que nasceu! Esta frase, que poderia ter sido dita por Cristóvão Colombo ou até por homens primitivos em seus clãs, ainda faz eco nos dias de hoje. Talvez por isso, a migração seja objeto de interesse em vários campos do saber. No livro *Êxodos*, de Sebastião Salgado (2000), por exemplo, é impossível não ficar capturado pela imagem de desamparo revelada pelo clique da câmara do fotógrafo, nos rostos de migrantes pelo mundo afora. Efeito hipnótico ou não, diante de nossa própria condição humana, projetada pelas impertinentes lentes, resulta fácil – ou pelo menos tentador – nos depararmos com as imagens que ela deflagra e nos esquecermos de perguntar o que há por trás desses rostos homogeneizados pelo desamparo.

O que existe para além desses rostos, aparentemente sem nome e sem história, que os dados estatísticos mostram?

A questão da migração, dependendo da perspectiva com a qual é tratada, adquire no imaginário diferenças fundamentais, seja pela sociedade, seja pela própria realidade da migração ou pelas idéias que os migrantes fazem a respeito de si mesmos. Em geral, a migração assume um caráter natural no imaginário social. Tzvetan Todorov (2003) nos dá o exemplo relatado em seu livro *a Conquista da América*:

Ao ler os escritos de Colombo (diários, cartas, relatórios), poderíamos ter a impressão de que seu motivo principal tinha sido o de enriquecer (aqui, e em seguida, digo de Colombo o que poderia aplicar-se a outros; por ter sido, freqüentemente, o primeiro, deu o exemplo). O ouro, ou melhor, a procura deste (já que não se encontra quase nada no início), está onipresente no decorrer da primeira viagem. No dia seguinte à descoberta da América, em 13 de outubro de 1492, Colombo anota em seu diário: “Estava atento e tratava de saber se havia ouro”, “Não quero parar, para ir mais longe, visitar muitas ilhas e descobrir ouro” (p. 9).

Todorov continua em seu livro se perguntando se foi mera ambição o que levou Colombo a viajar. Ele continua, dizendo que bastava ler todos os seus escritos para ficar convencido de que não era nada disso, e conclui: “Colombo simplesmente sabe a capacidade atrativa que podem ter as riquezas, e especialmente o ouro. É com a promessa de ouro que ele acalma os outros em momentos difíceis” (p. 10).

No imaginário, o migrante é aquele que irá atrás do ouro ou da oportunidade. Como isto se reflete na clínica?

Neste trabalho, partiremos do pressuposto de que não é possível falar de migração como um conceito unitário. Trabalharemos com a idéia de

migrações – já que em nossa cultura (e também na estrangeira) ser estudante, profissional ou lavador de pratos, são experiências subjetivas bastante diferentes, uma vez que cada país ou cultura carrega consigo um imaginário. Igualmente, pensamos que migrar para os Estados Unidos endereçando um pedido a uma outra pátria que tem como retaguarda ninguém menos que “Tio Sam”, seja diferente de migrar para o Brasil, com todas as fantasias sobre o país que Contardo Calligaris (1992) descreveu em seu livro *Hello Brasil*.

O governo brasileiro estima que 3 milhões de brasileiros saíram do país em busca de um futuro melhor, sendo que mais da metade deles, escolheu os Estados Unidos. A migração para os Estados Unidos acelerou no começo da década de 1990, quando o Brasil passou a ser a quarta maior fonte de imigrantes não documentados para o país (depois de México, Honduras e El Salvador).

Uma melhor remuneração e maior oferta de trabalho podem ser atrativos para a migração para países mais ricos; no entanto, não explicam por que somente uma parcela daqueles que estão próximos da linha da pobreza no Brasil tenham optado por esta solução. Contudo, se compararmos, por exemplo, a situação econômica do Brasil com a dos Estados Unidos, será evidente a desvantagem de nosso país, resultando tentador atribuir a este sólido motivo uma justificativa linear para explicar a migração. Entretanto, não explica por que pessoas oriundas das classes médias se submetem a situações de subemprego a que não se sujeitariam no Brasil.

É neste contexto que o Brasil tem dois êxodos principais: um nos anos 1970, que se caracterizava como exílio, e outro nos anos 1990 de auto-exílio.



Os anos 1970 ficaram conhecidos como um dos períodos mais repressivos politicamente, se não o mais repressivo, da história brasileira. Esse período, também chamado no Brasil de "os anos negros da ditadura", teve a marca do AI-5 de um lado e, de outro, o tricampeonato mundial de futebol e o chamado "milagre econômico". Nessa década, marcada pelo slogan: “Este é um país que vai para frente” assistimos um país fomentar uma certa modernização, projeto dirigido à classe média nutridora de um desenvolvimento nacional. Esse projeto de modernização era baseado na indústria emergente e a quebra dos vínculos modelares europeus se fazia com o apoio irrestrito dos Estados Unidos, durante a economia do governo Médici, que, já em 1973, começou a declinar com a crise do petróleo. A repressão endureceu, e foi criado o slogan: "Brasil, ame-o ou deixe-o" concomitante ao exílio de muitos brasileiros. Os tempos da ditadura foram recentemente abordados no filme: *O ano em que meus pais saíram de férias*. Este filme, que retrata esse período político-social do Brasil, termina com a seguinte frase: “O exilado é aquele que tem um pai

¹Propaganda do governo Médici destinada a melhorar sua imagem junto ao povo.

que está tão atrasado, que nunca volta...” No decorrer deste trabalho falaremos do pai atrasado do migrante.

A segunda onda migratória ocorreu na década de 1990 e começou com o congelamento dos ativos financeiros do povo brasileiro, seguido da falência do Plano Cruzado, em 1986, e *impeachment* do presidente eleito, Fernando Collor. Aqui estamos falando de um povo que viu seu país falir e de um constante estado de insegurança por parte da nação, uma vez que toda uma geração pareceu desesperar-se pela falta de oportunidades no Brasil. Aqui vemos uma mudança no imaginário social de um Brasil sendo caracterizado como a terra prometida, terra de imigrantes, para o “Brasil que não dá condições”; uma pátria de onde seus filhos partem para terras estrangeiras. O ufanismo presente na década de 1970, representado pelo slogan “Este é um país que vai para frente” transformou-se, a partir da década de 1980, em piada: “Este é o país do futuro... e sempre será”.

A justificativa financeira e/ou política é importante pano de fundo, uma vez que fornece o substrato do imaginário social para as migrações. No entanto, vale lembrar que a migração não é uma questão contemporânea, apesar de sua aparência de atualidade. Os deslocamentos geográficos são tão antigos quanto a humanidade, mas certamente se apóiam na idéia (reforçada na pós-modernidade) de que é possível recriar um futuro independente do passado.

Esta afirmativa certamente levanta a questão da função que a aparência de atualidade cumpre no imaginário do migrante. Arriscaríamos adiantar uma resposta: O migrante, ao se lançar rumo ao desconhecido, necessita da crença

de que estaria por realizar ou construir algo absolutamente novo, outro. Neste sentido, rememoramos aqui o filme *O passageiro* de Antonioni, que nos parece ilustrativo porque mostra a tentativa do protagonista de se passar por morto e adotar uma nova vida, sem nenhuma relação com seu passado. A tentativa de escapar de si mesmo que o personagem do filme mostra, está baseada num dos predicativos da modernidade: de que há um eu do qual se pode fugir.

Ainda, sobre a extemporaneidade das migrações, talvez seja preciso nos remetermos ao mito. Édipo também foi mandado a uma terra estrangeira, para escapar de seu destino. Os pais de Édipo, ao visitarem o oráculo, tiveram a revelação do trágico destino de seu filho: matar o pai e dormir com a mãe. Desesperados e sem condições de elaborar a profecia, decidem simplesmente abandonar o filho à sua sorte rio abaixo. Édipo é encontrado e adotado por outro casal. Quando adulto, retorna ao oráculo que o adverte da mesma profecia. Igualmente desesperado como seus pais, repete a escolha destes: fugir de seu destino. Volta para sua verdadeira cidade natal e no caminho mata um homem que acredita ser um ladrão (que na verdade é seu pai biológico) e acaba por casar-se com sua mãe (a viúva daquele). Édipo foge desesperadamente de seu trágico destino, mas acaba por reencontrar suas origens através da atualização de seu passado.

1.1. Origem da pesquisa

Para uma melhor compreensão da origem do interesse pelo tema da migração, faz-se necessário mencionar minha experiência de cinco anos nos Estados Unidos, como parte de um grupo de profissionais associados a uma clínica

chamada NSSI (Neighbourhood Support Systems for Infants) sendo responsável pelo atendimento psicológico de 25 famílias de língua portuguesa e espanhola, na área de Massachusetts. O atendimento aos pacientes, crianças e adultos, tinha como objetivo prover aconselhamento a essa população. Posteriormente, trabalhei com famílias de expatriados no BankBoston e, por fim, numa organização não-governamental chamada Career Connections, realizando orientação de carreira a estrangeiros, com a finalidade de “traduzir” certos códigos da cultura para aqueles que não se “adaptavam”. Essas experiências profissionais, aliadas à minha própria migração, passaram a suscitar questões em torno de aspectos como tradução, adaptação e choque cultural, que culminaram na realização de um Master’s em Relações Interculturais na Lesley University, em Massachusetts.

Hoje, na tentativa de elaborar um conhecimento clínico acerca do tema, decido realizar esta pesquisa dentro do Laboratório de Psicopatologia Fundamental, da Pontifícia Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck. De acordo com Berlinck (2007), “[...] as relações entre cultura e personalidade fazem parte de uma longa tradição antropológica. Mais recente e menos trabalhadas por especialistas, são as relações entre cultura e psiquismo, principalmente quanto este inclui o inconsciente freudiano” (p. 7). Compartilhando desse pensamento, é proposto neste estudo realizar uma articulação entre *migração e psiquismo a partir da psicanálise e da Psicopatologia Fundamental*.

Ao considerar o migrante em sua condição de sujeito, tal qual é concebida pela psicanálise, um sujeito dividido, implicado em sua história e subjetividade, porque atravessado por um desejo que é inconsciente, o

fenômeno da migração se distancia das outras ciências e se desnaturaliza, perdendo, *a priori*, qualquer significação. Na definição de Bordieu (1998), os imigrantes são “pessoas deslocadas”, privadas de um lugar apropriado no espaço social e de lugar marcado nas classificações sociais. Ele afirma:

O imigrante é atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o imigrante situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incomôda cria. (p. 9)

Migração é um tema de inevitável discussão agora e no futuro próximo. A própria psicanálise propõe que o sujeito se constrói a partir do exílio, a partir da perda do objeto primordial. Grosso modo, poderíamos afirmar que o próprio processo de tornar-se sujeito pode ser comparado a migrações – com suas perdas, afastamentos ou mesmo deslocamentos consecutivos em relação aos objetos. Corroboramos a afirmação de Mirian Debieux (2007), quando coloca:

A entrada do homem na ordem da cultura dá-se através da perda do mito de pertencer a um conjunto que lhe proporciona uma identidade e lhe deve o reconhecimento e a realização. Entrar na cultura supõe acatar, fazer suas as regras de funcionamento da conjuntura. Mas não só. A sua condição de sujeito dividido supõe que carregue a exclusão, a insatisfação, e dá-lhe o direito de transcender ao lugar em que é colocado e apontar na direção de seu desejo. Migrar, emigrar, de novo. (p. 9)

A migração ocasiona evidentes perdas para o sujeito: de sua terra natal, dos hábitos e costumes, da língua, somente para citar alguns exemplos. Catherina Koltai (2000) coloca que:

Todo estrangeiro é de certo modo um sobrevivente. Sobreviveu a uma perda. Sobreviveu à perda do espaço, de uma terra e de uma língua que se diz materna. A migração não tem como não mexer com a relação do sujeito com o tempo e com o espaço ou, dito de outra maneira, toca nos dois elementos essenciais de todo sofrimento psíquico: angústia e agressividade respectivamente ou, se preferirmos, afeto e pulsão. (p. 99)

No âmbito da clínica, percebemos vários formatos de passagem pela migração. Por este motivo é importante frisar que a migração tratada neste estudo se refere ao auto-exílio, que é diferente do exílio. Este último trata da situação em que o sujeito ou grupo se vê forçado a viver fora de seu país, geralmente por motivos políticos, ideológicos ou religiosos, e que não têm a possibilidade de regressar ao seu lugar de origem, no qual o elemento volitivo do sujeito certamente é mais precário do que no auto-exílio.

As observações ocorreram nos dois países em que tive prática clínica: Brasil, meu país de origem, e Estados Unidos, país de migração. Em ambos, tive a oportunidade de escutar a narrativa de sujeitos que se preparavam para a experiência; de sujeitos que estavam passando por tal situação ou, ainda, de sujeitos que retornavam da vivência de uma migração. As narrativas inicialmente se referiam a um sofrimento ligado a uma desorganização, perda de referenciais, ilegalidade, estranhamento de si e do outro e eram atribuídos à experiência migratória. De fato, como constatamos neste estudo, a migração, por si só, pode ter efeitos importantes sobre o sujeito. No entanto, nosso

interesse em realizar uma investigação se deu quando a escuta de pacientes na clínica passou a revelar que o sofrimento primeiramente atribuído à experiência migratória trazia de forma subjacente histórias que pareciam articular-se com o modo como ocorreu o processo de subjetivação desses sujeitos, o que levou a nos interrogarmos se em alguns casos a migração poderia ser uma tentativa de saída diante de certos impasses psíquicos.

Ainda, muito precocemente em nossas investigações, deparamo-nos com o texto de Mirian Debieux Rosa et al. (2007) que se revelou fundamental para a construção de uma hipótese de trabalho para esta pesquisa. No texto “Metáforas do deslocamento: imigrantes, migrantes e refugiados e a condição errante do desejo”, as autoras articulam deslocamentos geográficos a deslocamentos psíquicos introduzindo a questão do deslocamento e condensação, como leis do inconsciente freudiano e sua versão lacaniana, a metáfora e a metonímia, ao fenômeno migratório. Por um lado, discorrem sobre apelo à territorialidade e a busca de identidade e, por outro, a relação deslocamento/metonímia com os avatares do desejo. Utilizam a postulação de que *o inconsciente está estruturado como uma linguagem* para valer sua hipótese de que as dimensões diacrônicas e sincrônicas do discurso, interceptadas pela metáfora e pela metonímia, demonstram a condição itinerante do desejo, aliada a uma ficção de sujeito construído, mas desconstruído e reinventado pelo desejo. Debieux et al. colocam:

Nesta bipolarização discursiva, a metonímia mantém o deslizamento significante do discurso e marca a condição errante e nômade do desejo. A metáfora, nível sincrônico do discurso, alude ao ponto de basta que circunscreve, revela e veda a verdade do sujeito. Ambos são concomitantes e compõem a historicização do sujeito. Dissociados, os processos podem gerar, de um lado, um

movimento contínuo sem ponto de báscula que pode resultar no desenraizamento do sujeito; ou, de outro lado, a identidade cristalizada alienante que retira o sujeito de sua condição desejante. (p. 1)

Portanto, a partir da contribuição dessas autoras, podemos construir a hipótese de que a necessidade de elaboração e/ou saída de impasses psíquicos acabava lançando, por *deslocamento*, certos sujeitos a verdadeiros rituais de passagem através de uma migração.

É desta forma que, tentaremos, a partir de algumas vinhetas clínicas e da descrição detalhada do relato de um caso *princeps* de uma paciente brasileira que viveu nos Estados Unidos, identificar e interrogar as origens e vicissitudes deste tipo de movimento psíquico que encontramos presente no deslocamento geográfico de alguns sujeitos.

Para finalizar nossa introdução, seguiremos com uma apresentação da dissertação. Nossas investigações a partir do caso *princeps* nos levam a falar de migração em três vertentes:

1. “Migração e o estrangeiro” ou (re)construção paterna;
2. “Migração como ‘espaço entre’”;
3. “Migração e segundo espelho” ou (re)construção materna.

O corpo deste trabalho terá: introdução, metodologia, três capítulos principais e conclusão.

No primeiro capítulo, iniciaremos com o caso de Laura fazendo uma reflexão clínico-teórica. Nesse capítulo, intitulado “Este pai tão estrangeiro”, mostraremos aquilo que entendemos como uma tentativa de (re)construção parental a partir da migração desta paciente para os Estados Unidos. Para tal, serão percorridas algumas obras psicanalíticas sobre:

- a) O encontro da criança com seu próximo na constituição da subjetividade;
- b) o estrangeiro como aquele que pode fazer a separação do corpo materno;
- c) Laura como o caso de um Édipo feminino; na tentativa de pensar sobre uma possível correlação entre a constituição da subjetividade e a necessidade de migrar/buscar fora.

No segundo capítulo, intitulado “Migração e o ‘espaço entre’”, nos pareceu fundamental trazer de que modo os elementos presentes na migração (como lugar de deslocamento espacial e cultural) podem permitir um deslocamento de lugar, aqui entendido como deslocamento de lugar psíquico e a possibilidade de (re)construção parental. Para tal, apresentaremos as contribuições de Maud Mannoni sobre a experiência da escola de Bonneuil, baseado no jogo do *fort-da* (Freud, 1920), que nos parece exemplar para descrever como o estar fora pode se configurar como um “espaço entre” ou de ensaio, para que se dê a representação de uma ausência e a partir daí uma separação. Aqui a noção de *pathos* é retomada. Ainda nesse capítulo, traremos os aspectos transferenciais de um fragmento de caso, com o qual faremos uma articulação entre a ruptura dos significantes oriunda do processo

migratório/experiência estrangeira e o conceito proposto por Pierre Fédida sobre o silêncio do analista como uma abertura para a fala e para o novo. Em contraponto com a possibilidade de abertura para o novo, tentaremos demonstrar como o “espaço entre” também pode se configurar como espaço de encerramento, de fechamento, como ocorre nos casos de alguns migrantes não documentados.

No terceiro capítulo, que nomeamos “ Migração e segundo espelho” nos propusemos pensar o que acontece em outras situações de auto-exílio vistas na clínica e que não parecem se configurar como uma tentativa de (re)construção parental. Para estes casos, a noção freudiana de eu ideal foi importante para entendermos a posição psíquica de alguns sujeitos migrantes, que decidimos chamar de “*life style* para brasileiro ver” ou “vida tipo exportação”. Ainda nesse capítulo, traremos as cartas da paciente Laura enviadas para sua mãe para tentar responder, mesmo em migrações consideradas tentativas de (re)construção parental, quais aspectos egóicos poderiam ser impeditivos do processo. Neste ponto traremos a questão do envio de dinheiro aos familiares, articulando questões da migração com aspectos acerca da prostituição, trabalhados por Eliana Calligaris. Ainda, no subcapítulo “De um clã a Outro” realizaremos uma interlocução com autores da antropologia clássica como Lévi-Strauss e Pierre Clastres de modo a pensar a migração como um possível modelo para um movimento exogâmico. Assim, ao articular migração a exogamia, tentaremos responder até que ponto é possível fazer uma migração. Nos casos em que se está muito distante de um movimento exogâmico, identificamos uma tentativa de (re)construção parental mais primitiva. Para tal, traremos as contribuições de autores como Jacques Ferrand, Georges Battaille, Jacques Hassoun e M. Claude Lambotte.

A partir de nossas investigações buscaremos contribuir para que através da psicanálise se possa ao menos esboçar um dos rostos por detrás dos dados estatísticos sobre migrantes: o de um sujeito que, para além de fatores econômicos, políticos e sociais, também pode ser causado por seu inconsciente, pondo em marcha um destino.

2. METODOLOGIA

*[...] cada homem traz consigo a forma inteira da
condição humana.*

Montaigne (1987)

Muitos trabalhos associam migração a surtos psicóticos, depressão, alcoolismo, desenraizamento, dificuldade de adaptação e estresse, apontando para os efeitos e para a importância do tema no campo da saúde. É ainda consenso que o fenômeno migratório tem implicações para o sujeito, seu grupo familiar, sua comunidade e até mesmo sua nação. Dada a relevância do assunto, a própria psicologia vem se ocupando da migração sob diferentes perspectivas que enfocam, por exemplo, questões de adaptação, aculturação e choque cultural (cf. De Biaggi, Paiva, 2004).

Não é nosso objetivo ignorar a sobredeterminação do fenômeno da migração ou subestimar outros enfoques que lidam com o tema, mas sim propor uma leitura da questão migratória em outra perspectiva, a partir da posição da Psicopatologia Fundamental, que parte da noção de *pathos*, que, além de sofrimento, deriva-se de “paixão” e “passividade”. “Quando *pathos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o eu possa se assenhorear desse acontecimento, a não ser como paciente, como ator” (Berlinck, 2000, p. 18). Seguindo os preceitos da psicopatologia

fundamental, nosso objetivo é reconhecer a existência e dialogar com diferentes posições discursivas, sustentando a complexidade de nosso objeto de estudo, sem contudo enveredar para um ecletismo teórico. No caso específico de nosso tema, uma interlocução com outras áreas de saber como a Antropologia clássica e a Literatura, por exemplo, torna-se ainda mais profícua, principalmente por “migração” ser um tema emergente na literatura psicanalítica.

Nosso interesse de pesquisa recai sobre a experiência singular do sujeito migrante. Por esta razão, optamos pelo Método Clínico, que consiste em tentar construir uma metáfora sobre o inusitado ou impensado do real vivido na clínica. Segundo Fédida (1991) o caso é uma metapsicologia em gérmen, o que significa que a partir do caso há a possibilidade de se produzir palavras – aqui na forma escrita – que revelem o geral contido no particular, no singular de cada caso. Desta forma, esta pesquisa se diferencia das que tomam o migrante como uma categoria. Neste estudo, a estratégia de investigação consiste justamente em desmembrar a categoria “migrante” e tomar o sujeito um a um a partir da vivência clínica, para somente *a posteriori* poder pensar o que da “condição humana” o “migrante” pode transportar de um país a outro.

O método utilizado neste trabalho pretende atender às concepções propostas tanto pela psicanálise quanto pela psicopatologia fundamental, em sua experiência de produção aqui entendida como “discurso mito-poiético epopéico,” pois, como nos diz Berlinck (2000):

A descoberta do inconsciente freudiano como manifestação do pathos e como algo que surge da violência primordial, bem como a conseqüente metapsicologia que é conhecida por psicanálise, é a

casa mais confortável existente na contemporaneidade para a Psicopatologia Fundamental. (p 24)

É esta metapsicologia que, em seu caráter ficcional, é capaz de permitir uma concepção dos processos psíquicos, colocando esta dimensão no centro da psicopatologia fundamental. O psiquismo pode ser concebido para além do fenômeno observável, descritível, em função da descoberta do inconsciente. Deste modo, a psicanálise permite a relativização da existência real do objeto, uma vez que se pauta nas representações do mesmo.

Não é nosso foco a migração como fenômeno sociológico, portanto, as questões sociais levantadas interessam na medida em que dão indícios do imaginário social que estão diretamente relacionadas ao *pathos* do sujeito migrante. Este estudo nos coloca, como pesquisadores, num lugar muito específico que, sustentados pela transferência, nos faz interrogar e propor a investigação, por meio do método clínico e a partir da escuta da singularidade de pacientes migrantes, de um certo movimento presente em algumas migrações.

Não pretendemos propor uma metapsicologia que dê conta de fenômeno tão plural quanto esse. Sendo assim, a partir da Psicopatologia Fundamental é possível propor a escuta da migração em seu caráter *páthico*, a partir da singularidade de um sujeito na clínica, já que a migração, fenômeno aparentemente coletivo, parece ter efeitos singulares e/ou se revelar como uma viagem tão individual e solitária quanto uma análise. Desta forma, este estudo não tem a intenção de defender a idéia de migração como possibilidade de saída psíquica, mas sim poder pensar através da psicanálise como este mecanismo acaba se tornando possível. Neste sentido, o relato clínico se

configura como uma via de investigação privilegiada, uma vez que permite a escuta da narrativa de uma experiência singular. A narrativa se diferencia dos fatos e dados estatísticos disponíveis acerca da migração, ou, nas palavras de Benjamim (1985):

Ela (a narrativa) não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p. 142)

A experiência clínica apresentada neste estudo passa, então, a expor uma outra migração, diferente daquela obtida por dados estatísticos, mas próxima da história desses sujeitos que nos confiaram suas narrativas. É, desta forma, que pretendemos transformar o vivido em experiência a ser transmitida e compartilhada.

O atendimento psicoterápico trazido neste estudo iniciou-se a partir de requisito exigido pela universidade, e o local de atendimento voltou a ser a clínica NSSI (Neighbourhood Support Systems for Infants), onde eu já havia sido responsável pelo atendimento psicológico de 25 famílias de língua portuguesa e espanhola na área de Massachusetts (crianças e adultos). Na ocasião desse atendimento, eu passava por uma experiência analítica de orientação lacaniana e tive minha escuta influenciada por minha própria análise, apesar do objetivo psicoterápico de aconselhar pacientes. Neste sentido, somente *a posteriori* foi utilizado um referencial psicanalítico propriamente dito para entender como as questões da migração perpassam

pela história e subjetividade desta paciente. A descrição do caso reflete dois momentos: O primeiro, com duração de um ano, quando Laura estava nos Estados Unidos e procurou atendimento clínico² e, o segundo, depois do retorno da terapeuta, a quem a paciente procura no Brasil e é retomado o processo que havia sido interrompido³.

² Interrompe o atendimento em função de mudança para Nova Iorque.

³ Neste segundo momento com uma proposta de análise.

3. “MIGRAÇÃO E O ESTRANGEIRO” /(RE)CONSTRUÇÃO PATERNA

3.1. O caso clínico de Laura – “Este pai tão estrangeiro”

3.1.1. A Chegada

O clima extremamente frio fez com que fosse decretado estado de emergência em Boston (estado de emergência significa que o acesso de carros na rua e meios de transporte em geral estava bloqueado, devido a grande quantidade de neve na cidade; no Brasil este alerta não existe, pois não neva no país). Mesmo assim, Laura chegou em meu consultório pontualmente. Entra em minha sala e comenta sobre o quanto havia se assustado com o alerta de emergência, já que imaginara se tratar de algo muito sério. Não pude deixar de perceber o corpo franzino que se exibia diante de mim e de sua aparência de desproteção. Nos atendimentos que se seguiram, Laura se apresentava de maneira asseada e mostrava uma beleza maltratada. Apresentava-se como alguém que não tinha dotes e que parecia dizer de diferentes maneiras: Por favor, me a-dote!

Laura procurou atendimento depois de um ano nos EUA, segundo ela, por sentir-se só e não saber qual rumo tomar em sua vida. *“Não gosto desse frio, não consigo um trabalho que não seja braçal e não gosto dos americanos.*

Mas acho bom estar aqui porque posso ter uma casa minha, que eu posso pagar. A situação no Brasil é muito ruim, não tem oportunidades de crescimento como aqui. Sofro muito por ser ilegal⁴ porque não posso sair do país, ter permissão para trabalhar ou estudar”.

Abaixo, cito algumas frases sobre suas experiências nos Estados Unidos: *“Ficava muito confusa, atordoada; não entendia nada do que as pessoas falavam, eu tinha que interpretar a mímica que as pessoas faziam com as mãos para ter alguma pista do que queriam me dizer; uma vez tentei pedir informações para uma motorista de ônibus, que era uma negra bem gorda, começou a gritar get in or get out!⁵ Fiquei muito assustada; pelo pouco que eu pude entender ela não gostou que eu estava tomando o tempo dela; eu não conseguia pegar um refrigerante na máquina, que parecia muito complicada, de repente um menininho de cinco anos tirou o refrigerante e eu fiquei morrendo de vergonha, me sentindo uma analfabeta. Tentei muitas vezes o jeitinho brasileiro de conseguir as coisas, mas passou a não mais funcionar, as pessoas não entendiam e eram super estritas com as normas.”* Laura passa nos EUA por uma experiência de muita regressão – perde sua língua materna, pára de funcionar de acordo com os códigos de sua cultura, sente a violência de um novo ambiente.

A paciente chegou ao país sem falar inglês, com dinheiro suficiente para um mês e foi morar num pensionato para moças. O fato de não falar a língua, e sua condição de não-documentada, aproximaram-na do grupo de brasileiros que vivia na região, apesar do franco desprezo que sentia por eles. *“No começo eu queria distância dos brasileiros, mas depois tive que procurá-los,*

⁴ O termo é não documentada, mas ilegal era o termo que a paciente usava.

⁵ Suba ou desça!

porque a situação era mais difícil do que eu imaginava”. O que Laura imaginava? Ou, em outras palavras, que fantasias Laura fazia acerca da migração?

Começou então a realizar trabalhos para se sustentar. Fez faxinas, distribuiu panfletos pela cidade, trabalhou em lavanderias, restaurantes e em um laboratório. *“Eu deixava espetarem meu dedo para dar uma gota de sangue duas vezes por semana neste laboratório para ganhar, como pagamento, um café da manhã e vinte dólares. Essas experiências eram muito humilhantes.”* Ao ser questionada por que continuava realizando tais tarefas não conseguia responder, simplesmente não vislumbrava nada de diferente enquanto estivesse sem documentos.

Assim como muitos migrantes, apresentou para a família no Brasil a justificativa consciente de que estaria migrando para aprender outra língua, ter uma experiência internacional. A princípio seria algo transitório, para tornar-se mais competitiva em sua área de trabalho. Advogada formada no Brasil, Laura deixa de exercer a profissão em seu país de origem e parte para os Estados Unidos, onde também não teria autorização legal para trabalhar. O que lhe faltava para ser competitiva no Brasil? Na aposta de ser mais competitiva, perde profissão, família, país e identidade; mais ainda, parece dizer em seu discurso que tem um outro lugar, para além daquele que está, onde pode adquirir algo. Esse é também o discurso de Colombo: o de alguém que acredita que ao ir para outras ilhas vai adquirir ouro/riquezas.

Ainda nos EUA, passou a desenvolver uma relação muito peculiar com o dinheiro: não ganhava muito com as atividades que realizava, o que a levava a

ter uma vida bastante frugal, no que dizia respeito ao cuidado consigo própria. No entanto, colocava-se diante da família como alguém que dispunha de recursos para prover e proteger. O pouco que acumulava era mandado para o Brasil sob a forma de presentes. Além disso, mesmo a terapia, que era paga com dificuldade, era usada com frequência para dar conta dos problemas enfrentados por seus familiares no Brasil. Que dissociação era essa entre a moça desamparada que “pedia” para ser adotada e aquela que não só não necessitava para si própria, mas sim que se posicionava em condição de prover para os outros?

Em uma das sessões contou um fato que, em particular, a intrigou. Havia ligado para o Brasil e contado à mãe que tinha entrado numa fila de cupom para refugiados latino-americanos, com a intenção de ganhar do governo comida gratuita (uma sacola de frutas e verduras). A situação ainda tinha uma característica de ilegalidade, já que a paciente não era refugiada. Diante do estranhamento da mãe, passou a se questionar porque ela própria não estranhava a experiência. Por que Laura se coloca numa posição de pedinte diante do governo? O que estaria realmente pedindo? Vale notar que é a partir do estranhamento por parte da mãe, a quem ela deliberadamente escolhe para contar, que algo se produz na paciente. Por que foi a mãe a escolhida para receber este relato?

3.1.2. Situação familiar

Laura fala de uma infância idílica e de uma família perfeita. Na época em que seu pai era vivo, passava suas férias junto à família paterna, que era extensa e da qual gostava muito. Tinha grande apego pela avó paterna, que era a matriarca da família, e de quem recebia especial atenção. Segundo Laura, o casamento de seus pais era absolutamente harmonioso, pois não havia uma lembrança de discussão entre eles.

Descrevia sua infância a partir das memórias de uma mãe que tocava sempre violão e deixava a casa alegre, e de um pai que ensinava matemática antes de ir trabalhar, o que para ela era a prova de seu amor e investimento nos filhos. A família parecia ser perfeita. Será que estaríamos aqui falando de algo que se refere ao eu ideal?

Para Laura, sua mãe era linda, a melhor mãe do mundo, sua melhor amiga. Conta que a mãe também se colocava nessa posição, inclusive pedindo repetidas vezes aos filhos que tirassem fotos suas nas quais ela fazia diferentes poses em ambientes variados.

É nesse contexto de harmonia familiar que o pai de Laura morre, vítima de um acidente de carro. Contando na ocasião dez anos de idade, a paciente perde o pai. Grande parte do tempo de sua terapia passa chorando essa morte. Pode a morte do pai ter sido interpretada pela paciente como o desmoronado do ideal?

Depois da morte do pai, sua mãe se une a outro homem e passa a freqüentar menos a família de seu pai, além de restringir o acesso desses familiares à sua

casa (a qual era de propriedade da avó paterna), que tinham por hábito visitar Laura e os irmãos. A avó decide pedir o apartamento para reformas, quando de fato se tratava da maneira “educada” de pedir o imóvel de volta, o que culminou no rompimento de relações entre a mãe de Laura e a avó paterna.

À perda da casa, do contato com a avó que tanto amava e de toda a família paterna, somou-se o fato de terem que mudar de cidade, em função da profissão do padrasto. Mudou também de escola, passando de uma particular para uma pública, por razões econômicas. As perdas consecutivas ressignificaram a morte do pai, mas somente em momento posterior de sua análise Laura faz o encadeamento de todas essas lembranças, que constituem o corolário que parece culminar num “desbotamento” do traço paterno. É durante o processo de tratamento que todos esses desligamentos dos significantes paternos (cidade, escola, o pai que ensinava matemática, a casa e a avó paterna) aparecem como ressignificando a morte do pai.

3.1.3. Terra de ninguém

Laura usava com frequência a expressão “*tentar a vida nos Estados Unidos*” e de que era “*self-made*”. Quando investigada, dizia que não podia contar com ninguém porque seus familiares não teriam condições de ajudá-la. Vale lembrar que no episódio em que pediu para que o governo provesse, havia também uma posição de entrar na fila e pedir para si. O único momento em que se dirigiu à família de origem, especificamente à mãe, revelando um possível pedido de ajuda, foi quando informou que já havia recorrido ao governo americano. Poder “*sobreviver*” em terra estrangeira por “*conta própria*” parecia ser crucial para ela, o que chamava de “*fazer a América*”.

Afirmava “*Aqui eu não sou advogada, eu não sou nada*”. O incremento dessas experiências ainda gerava muita angústia, a ponto de se perguntar: “*Qual de fato é minha pátria? Não pertenço nem aos Estados Unidos nem ao Brasil*”.

3.1.4. Um certo olhar estrangeiro

Depois de quase dois anos morando nos EUA, Laura conhece um canadense, por intermédio de uma amiga em comum. Laura freqüentava a casa de amigos que, segundo ela, estavam numa posição mais privilegiada (estudantes e profissionais brasileiros legais no país), que em função da distância do Brasil se reuniam freqüentemente. É na casa de um desses amigos que Laura conhece esse homem – dez anos mais velho – por quem imediatamente se apaixona e fantasia como seu “salvador”. Qual a dinâmica dessa fantasia; como ela se enovela na história de Laura? Quem é esse homem que, de certa forma, faz com que todo o projeto migratório e de *self made woman* de Laura dê um giro em si mesmo? Em análise, esse amor aparece como um príncipe que, apesar de mostrar muito interesse por ela, a largaria na mesma hora, segundo Laura, no dia em que descobrisse “*quem eu realmente sou, nada além de uma pessoa ilegal*”. Durante uma sessão fica bastante angustiada por ter sido convidada a visitar a família do namorado. Desenvolve algo que aqui chamarei de uma “angústia de Cinderela”, ou seja, coloca que não pode entender como ele a quer, se ela nem ao menos pretendia seduzi-lo.

Laura casa-se com esse homem que, apesar de estrangeiro, era cidadão americano. Ao legalizar-se, Laura passa mais cinco meses nos EUA e decide voltar para o Brasil.

3.1.5. O retorno

Volta para o Brasil com seu marido, mais especificamente para Belo Horizonte. Um dia ela me telefona, bastante emocionada, e diz: *“Depois de 25 anos, voltei a Belo Horizonte. Apesar de tanto tempo, parecia que era somente o dia seguinte da morte do meu pai. Acho que desse dia em diante estava pronta para partir. Demorou todo este tempo para que percebesse que foi justamente o fato de (ele) ter partido que me deixou imobilizada no mesmo lugar durante anos. Não que eu não tivesse tentado eu mesma partir, somente agora começo a entender o sentido da minha ida para os Estados Unidos.”* Nesse trecho, parece-me que a paciente faz uma relação entre migrar e tentar uma mudança de posição subjetiva, sendo possível pensar que sua posição era de colagem na perda, cristalizada frente à morte do pai.

Na mesma ligação, conta que iria a São Paulo por questões de trabalho e pede para se consultar comigo pelo período em que estivesse na cidade. Em nossa primeira sessão, relata que, a partir do casamento, a mãe passa a ter conflitos com o marido de Laura por diversas razões. A paciente começa a ter muitas discussões com a família de origem, e descreve esse convívio como algo bastante desagradável. *“Minha mãe e meu marido não se dão bem. Ela está sempre reclamando que ele não foi suficientemente amável com ela.”*

Resume sua demanda para a terapeuta da seguinte maneira: *“Eu não me dou bem com a minha mãe, quero saber qual é o problema comigo.”* Escuto e interpreto esse pedido como o de alguém que acabara de identificar um defeito em si próprio e que procura um especialista para corrigi-lo, a fim de voltar a funcionar como antes.

Conta, então, que desde a volta para o Brasil passou a ter brigas freqüentes com a mãe, que se ofendia quando Laura não queria mais participar das discussões de família, nem fazer visitas freqüentes à sua casa. É com sofrimento que a paciente se recorda de que, quando estava fora do país, sozinha, sua mãe também lhe solicitava a mesma participação nos assuntos de família, não considerando sua situação de desamparo na terra estrangeira. Laura relata que na época isso não a incomodava e que, inclusive, atendia ao pedido da mãe com entusiasmo e vontade de ajudar. Mas o resultado de suas conversas telefônicas era o de prostrar-se na cama, em prantos, preocupando-se com os problemas da família e sentindo a impotência por não poder resolvê-los por estar longe. *“Hoje acho que a minha família no Brasil pode se estruturar sem mim. Quando eu estava nos EUA, meu irmão fez muito do meu papel e ninguém morreu. Quero cuidar da minha própria vida agora.”*

Há de se considerar, nesse caso, que estar longe (distância física) a liberou de suas funções familiares. O que talvez estivesse sendo lamentado conscientemente: (me sinto impotente) poderia estar sendo celebrado em seu inconsciente: (que bom não ter que resolver). Fato que não deve ter passado despercebido por seu superego que, detentor desse saber inconsciente, a deixava prostrada na cama em prantos.

Ao voltar para o Brasil, depara-se com uma mãe que já não é mais tão linda, não é mais sua melhor amiga, e que não precisa mais ser tão cuidada. Dizia frases como: *“A minha mãe não lê, podia se informar um pouco mais, que absurdo, depois que eu voltei dos EUA ouvir essas piadas racistas que às vezes a minha mãe faz...”* e *“A minha mãe quer que eu a leve para fazer compras, passear, eu me acostumei a ficar sozinha em Boston, não quero ficar saindo de amiguinha com ela por aí”*.

Laura passa a descrever com detalhes o fato de que ficavam sempre a seu encargo as preocupações e a execução de tudo o que dizia respeito ao bem-estar de seus familiares. Começa, então, a analisar a posição de ter sempre sido a *“cabeça”* e os *“braços”* da família e do quanto também se ofereceu nesse lugar.

É a partir dos desdobramentos de suas questões que Laura começa a trazer lembranças de sua migração, tais como a saída do Brasil ter sido permeada por muita euforia. Diz que as pessoas descreviam a ida para um país estrangeiro como algo muito triste e que ela, ao contrário, se viu surpreendentemente muito aliviada e satisfeita. Pensava que ia deixar o Brasil, que não prestava para nada, mas *“acho que agora penso que o que eu queria mesmo era me ver livre da minha família”*.

Relata também o presente que recebeu de seu pai aos quatro anos de idade: uma boneca que foi nomeada de Laura⁶. A boneca, que permaneceu no lugar de favorita durante toda a infância da paciente, ficou guardada após a morte de seu pai. Um dia em sessão, depois de muito falarmos sobre seu luto, afirmou

⁶ Foi por esta razão que decidi dar este nome à paciente nesta dissertação.

decidida: *“Acho que já é hora de enterrar a Laura; estranho como ela já adquiriu uma aparência putrefata!”* Ao ser questionada sobre o por que do nome Laura, a paciente diz que não se recorda se foi ela ou o pai quem nomeou a boneca, mas se recorda que seus pais discutiram a possibilidade de ela (a paciente) ter o nome de Laura. Segundo conta, seu pai queria esse nome, mas sua mãe o impediu por ouvir dizer que muitas prostitutas eram assim nomeadas naquela época. Retomaremos esta questão em outro capítulo.

Pensando ainda no caso, vale questionar a posição do padrasto. Ele não poderia ser um possível substituto para a figura do pai? Essa foi uma questão em que me detive muito com a paciente. Laura e seu padrasto, no entanto, não tinham um bom relacionamento. Ela conta que ainda pequena, para defender-se ou defender a família (mãe e irmão) de brigas com o padrasto, a paciente subia em sua cama para estar na mesma altura do padrasto para poder apontar-lhe o dedo na cara e dizer-lhe desaforos. Do que exatamente Laura precisava defender-se?

Laura conta que a partir de seu retorno, e com a proximidade da família de origem, passa a ter muita dificuldade em se arrumar e, apesar de ser uma moça atraente, não consegue reconhecer-se como tal. No entanto, em sua experiência como migrante, ao conhecer seu namorado, recorda-se de como havia desabrochado e se tornado uma mulher exuberante. Em análise dá-se conta de que *“no Brasil, não só tinha dificuldade em me arrumar, de me ver bonita, mas percebi que sempre ao me arrumar para encontrar minha mãe e meu padrasto eu acabava me enfeando de propósito”*.

Na construção em análise, Laura passa a aventar a possibilidade de sua mãe ter instigado o padrasto contra ela. *“Passei toda a minha adolescência pedindo desculpas para a minha mãe, porque ela me fazia acreditar que eu era péssima filha, fato que ela fazia questão de contar ao meu padrasto. Da mesma forma, me dizia o quanto ele era horrível como marido para ela. Resultado: Eu e ele morríamos de pena dela e ficávamos com muita raiva um do outro.”*

Quando questionada sobre a relação de seu padrasto com sua mãe, surpreende-se ao cometer o ato falho de descrever o casamento deles como se fosse o primeiro de sua mãe, abrindo uma nova via de investigação ao redor da relação entre sua mãe e seu primeiro marido e, por conseguinte, que função exerceu o pai de Laura na constituição psíquica da filha. Que lugar Laura ocupou no desejo do pai? Vale dizer que tempos antes a essa sessão, Laura havia trazido um episódio que descrevia: *“Não tenho lembranças do meu pai comigo, falando algo especial para mim. Lembro somente dos meus pais juntos, vendo televisão. Eu queria participar e acabei desenvolvendo uma técnica boa, que era correr várias vezes no corredor de ponta-a-ponta até ficar com o coração disparando e mostrar minha taquicardia para eles. Assim eles se preocupavam comigo e me deixavam ficar lá um pouquinho; eu não sei onde aprendi isso, porque tinha no máximo uns cinco anos”*. Por que tanta necessidade de fazer parte desse casal? O que estava buscando?

A questão da perda da casa (após a morte do pai) também reaparece em análise, associada a um episódio atual em que chorou muito por sentir ter perdido um apartamento que queria comprar (um outro comprador havia feito uma proposta melhor). Comento com a paciente que ela não havia perdido o

apartamento, porque o apartamento não era dela, e sim que alguém com uma proposta mais atraente havia conseguido comprá-lo (interpretando para ela que o apartamento entrava em seu discurso na equivalência de sua sucessão de perdas). É a partir de suas associações que constata: *“Como a casa é importante. Quando eu perdi o meu pai eu perdi muito mais do que a presença dele, não? Eu fiquei sem casa”!*

O que é ficar sem casa? O significado da casa passa então a ser desenvolvido em análise, quando começa a se recordar de que a casa da infância era muito bem decorada, orgulho de sua mãe. Estava sempre *“perfeita”* caso aparecesse visita, mas raramente Laura ou seu irmão tinham a permissão de levar amigos lá, porque a casa era dos adultos, a *“casa era de sua mãe”*.

Logo ao retornar ao Brasil procura a avó paterna, com quem reata a relação, fato que lhe proporciona muita satisfação. Vale também dizer que é sua avó paterna quem acaba por lhe dar de presente de casamento seu primeiro apartamento.

3.2. Considerações sobre o caso

*People are always shouting that they want to create a better future. It's not true. The future is an apathetic void of no interest to anyone. The past is full of life, eager to irritate us, provoke us, tempt us to destroy or repaint it. The only reason people want to be masters of the future is to change the past*⁷

Milan Kundera (1978)

Laura começa, em análise, reconstruindo uma infância a partir da morte do pai: uma infância perfeita na qual está grudada ao objeto. A paciente soube do desamparo muito cedo, ao perder o pai na infância. Diferente do que ocorre na adolescência quando os filhos querem perder os pais. O adolescente é, inclusive, bastante criativo nos modos que encontra para encenar essa morte simbólica dos pais. É também na adolescência que o sujeito passa a “ver” e a criticar os defeitos dos pais, quando, por exemplo, pega um dos progenitores

⁷ "As pessoas sempre gritam que querem criar um futuro melhor. Não é verdade. O futuro é um vazio apático de nenhum interesse para ninguém. O passado está cheio de vida, ávido para nos irritar, nos provocar, tentando nos destruir ou repintá-lo. A única razão pela qual as pessoas querem ser mestres do futuro é para mudar o passado" (tradução livre).

num erro de português, ou, de repente, passa a achar que seu cheiro não lhe parece mais agradável.

Freud (1909) já havia dito que, para a criança pequena, os pais constituem a única fonte de todos os conhecimentos e ela deseja igualar-se aos pais, ser grande como eles. Porém, ao desenvolver-se intelectualmente, ela descobre que os pais não eram tão “grandes”, assim.

Comparando-os com outros pais, põe em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Torna-se descontente, passa a criticar os pais e acredita que existem outros pais, preferíveis aos seus. Inicia-se o “romance familiar do neurótico”, originado no brincar infantil e depois na puberdade, prolongando-se até a vida adulta. (p. 221)

Isso não aconteceu com essa paciente. Laura perdeu o pai e muitos outros objetos que eram associados à figura paterna e viu-se só, diante de uma mãe que não somente parecia não ter condições para lhe dar amparo, como também parecia ter potencial para lhe fagocitar.

Freud (1909) ainda afirma:

A imaginação da criança entrega-se à tarefa de libertar-se dos pais que desceram em sua estima, e de substituí-los por outros, em geral de uma posição social mais elevada. Nessa conexão ela lançará mão de quaisquer coincidências oportunas de sua experiência real, tal como quando trava conhecimento com o senhor da Casa Grande ou com o dono de alguma propriedade, se mora no campo, ou com algum membro da aristocracia, se mora na cidade. Esses acontecimentos fortuitos despertam a inveja da criança, que

encontra expressão numa fantasia em que seus pais são substituídos por outros de melhor linhagem. (p. 220)

É nesse contexto que surge o discurso de alguns migrantes sobre o Brasil, tendo o lugar de origem e/ou representante dos pais, como um país que não presta para nada, e os EUA, lugar de destino, pai/país de adoção, como o lugar repleto de promessas de uma vida melhor. Inclusive, vale notar que tanto o Brasil quanto os Estados Unidos se prestam no coletivo, a essas atribuições imaginárias, no que diz respeito às atribuições de pobreza e riqueza respectivamente. Em seu livro *Brasil fora de si*, José Carlos Meihy (2004) aborda o tema:

Aprender inglês, cultuar música e cinema norte-americanos, viajar para a Flórida e fazer compras em Nova York transformaram-se em definição de *status* social. Um cultivado complexo de inferioridade relegava quase tudo o que era nacional a grau inferior, com exaltação de tudo o que vinha “de fora”. O uso abusivo da palavra “moderno” assolava as falas, marcando definitivamente o padrão norte-americano como ideal de tudo. (p. 28)

Ainda no imaginário social podemos notar como a terra de origem é ora a terra que acolhe, ora aquela que não tem nada a oferecer, tal qual um objeto amoroso que é tratado sob o domínio do ideal. Na emigração os Estados Unidos, estariam muito mais próximos de um lugar de salvação, e a imagem do Brasil totalmente desvalorizada. Descrição esta que se inverte quando se está longe da terra de origem, presente até mesmo na poesia de Gonçalves Dias: “Minha terra tem palmeiras onde canta o Sabiá; as aves que aqui

gorjeiam, não gorjeiam como lá...”⁸ Fenômeno semelhante acontece também nas traduções, explicitada por Antoine Berman (2002):

A pulsão traduzinte coloca sempre outra língua como ontologicamente superior à própria língua. De fato, não seria uma das experiências primeiras de qualquer tradutor ver sua língua como que desprovida, pobre, diante da riqueza languageira da obra estrangeira? (p. 23)

Freud (1909) nos diz que:

Se examinarmos em detalhe o mais comum desses romances imaginativos, a substituição dos pais, ou só do pai, por pessoas de melhor situação, veremos que a criança atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originam das recordações reais dos pais mais humildes e verdadeiros. Dessa forma, a criança não está se descartando do pai, mas enaltecendo-o. Na verdade, todo esse esforço para substituir o pai verdadeiro por um que lhe é superior nada mais é do que a expressão da saudade que a criança tem dos dias felizes do passado, quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. (p. 220)

Nesse sentido, pensamos que para alguns migrantes os pais americanos são a reencarnação dos pais da infância, bem como da família perfeita que, em termos freudianos, se trata do eu ideal. A questão iniciada por Freud traz implicitamente uma lógica: a maneira menos dolorida de fazer a ruptura com a família, o país, a pátria, é fantasiando que não se perdeu grande coisa e que a substituição será para algo muito melhor. Não é esse o *leitmotiv* da

⁸ “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias, publicado no livro *Poesia e prosa completas*. (1998).

adolescência? Não é assim que muitos migrantes se apresentam, absolutamente destituídos de qualquer recurso ou herança das figuras parentais? Somente quem não tem nada, não tem nada a perder. No caso clínico apresentado, a paciente busca a migração e em sua travessia, parece realizar dois movimentos:

1. Busca o *pai ideal* no pai americano. O tributo a pagar é oferecer-se destituída de um passado, pronta para sua nova vida: como *self-made*. Provavelmente utilizando-se da lógica de que em país onde se é *self-made* não há filiação. Quem não tem filiação nunca teve pai morto, mas o preço a pagar é se apresentar sem nenhum atributo ou herança. Interessante notar como na transferência se evidencia um pedido: o de uma nova filiação, um lugar diferente daquele de origem, via adoção, fosse pela terapeuta, fosse pelos pais americanos. Ao ser a-dotada, fantasia poder adquirir dotes ou traços desbotados de seu eu.

2. Reúne os poucos recursos que tem e, a partir daí, coloca-se no lugar de provedora da família. Tenta mostrar que nada falta, restituindo tudo.

O que essa dissociação vem apontar? Laura consegue nesses dois movimentos *preservar a figura paterna*. No paradoxo de seu sintoma, por um lado manda presentes para a família (fazendo o papel da figura paterna) e, por outro, mostrando-se *self-made* na fila de comida gratuita revela sua condição de desamparada e a expectativa de que o governo dos EUA pudesse funcionar como um pai generoso, provedor. Consegue, então, prover e ser provida. Neste sentido, o *self-made* seria aquele que tenta reinar sem a castração, sem a perda do pai, procurando seu reino próprio? Neste reinventar-se, não há perda

ou luto; não há dívida. No entanto, sabemos que a ordem simbólica exige uma morte, pois o traço se constitui na ausência. Quem não faz luto não adquire nada, nunca fez nada, nunca se apropria do que fez.

Interessante notar que enquanto o pai de Laura está vivo, sua presença possibilita que ela seja a favorita de alguém, da avó paterna. E a boneca Laura fica, então, posteriormente colocada no lugar de preferida. Boneca pode ser uma forma afetuosa de se referir a alguém e também remeter a alguém sem vida – como o morto do melancólico, que insiste em não morrer, ou alguém que é o objeto do outro. Não seria Laura a boneca de sua mãe? Ao ficar sem a linhagem paterna, Laura fica sem um terceiro. Nesse sentido então, no caso desta paciente, foi necessário um oceano para separar mãe e filha.

Sabemos que a partir da morte do pai, real e simbólico, aquilo que se institui minimamente como regulação das relações tem potencial para passar por uma nova configuração. A instituição familiar que, metaforicamente, pode se assemelhar a uma partida de futebol agressiva com regras mais ou menos estabelecidas, tendo o pai como juiz, torna-se, a partir da morte deste, uma “pelada entre mulheres”, com direito a “caneladas e puxões de cabelo”.

A opção pela migração parece ser uma saída psíquica para alguns sujeitos que tentam evitar a atração todo-poderosa que pode exercer o corpo de uma mãe. Então, migrar adquire o sentido de tentativa de uma mudança na posição subjetiva na lógica: partir = separar. Assim, a língua da mãe, que tem veneno de serpente e é mortífera, é trocada por uma outra língua: a estrangeira.

São casos em que a migração acaba funcionando metaforicamente como a tentativa de sair de um lugar impossível em busca de outro que se faça viável. Uma procura com contornos de busca de si mesmo, adquire características de rito de passagem, tal qual a travessia de jovens a adultos em tribos primitivas, tendo como mandato crescer ou morrer. Inclusive, lembramos com Mirian Lemos (2004) que se estabelecemos um diálogo com a antropologia clássica veremos que “[...] o momento ritual é um momento de limiaridade, em que o espaço é abstraído, o tempo fica suspenso no presente e a identidade é anulada para ser ressignificada (p. 172).

O movimento que descrevemos parece ter a característica de morte de uma vida prévia e tentativa de renascimento em outra condição. No entanto, entre morrer e renascer, a ilegalidade, no caso da migração, poder ser um caminho a percorrer.

O lugar da ilegalidade não é nem de vida nem de morte; não é dentro nem fora, ele é terra de ninguém. Quiçá seja um lugar análogo ao adormecimento das princesas nos contos de fada, que podem ficar dormindo por cem anos ou serem acordadas por um príncipe, ou, ainda, tão mais perto da realidade, ao período de errância dos adolescentes; estes sem-lugar da cultura.

No caso de Laura parece impreciso pensar que, apesar de estar em seus farrapos limpando os restos dos outros, não estaria exercendo uma forma particular de erotismo, na maneira “*escondida*” de seduzir no “*como assim ele me quer? Mas eu não sirvo para ele, eu sou um nada*”. Em outras palavras, parece ingênuo pensar que seu “*salvador*” tenha vindo capturá-la sem que Laura, essa princesa adormecida numa terra de ninguém, estivesse

em seus sonhos, com um olho fechado e outro aberto, obviamente numa espera ativa, ou, por que não dizer, numa busca. É nesse momento que pode receber um outro estrangeiro que, por lhe oferecer um olhar de fora, diferente do familiar, devolve-lhe um estatuto metafórico. “*Eu que sou um nada*” e que durante o dia limpo os restos dos outros, como posso estar sendo conduzida nos braços desse que, no mínimo, deve pertencer a uma família nobre? Será que esse homem é o representante de um pai que se fez ausente e por isso estrangeiro, conforme minha leitura, muito cedo na vida de Laura? Aos tempos que considero necessários: apaixonamento, sedução e desligamento(desprezo) do/ pelo pai ou substituto, tempos que podem se completar ao final da adolescência/entrada na vida adulta, ou não. Portanto, será que esse homem é o pai que Laura não pôde terminar de seduzir? Sendo essa a forma, que aqui chamo de “Cinderela”, a maneira “escondida” de seduzir: “Como assim ele me quer? Mas eu não sirvo para ele, eu sou um nada”.

O erótico da pobreza, da orfandade e da ignorância perde-se e dá lugar ao erótico que o olhar desse homem desenterra de seu corpo. Talvez se possa pensar que Laura consegue, através do culto à pobreza, manter o pai vivo já que pobreza e falta do pai equivalem-se inconscientemente na morte de seu pai. Pois, é necessário lembrar, que com a morte do pai abre-se um desfiladeiro de perdas reais (casa, mãe, escola, linhagem paterna).

É possível assumir que esse homem estrangeiro permite a Laura parar de se oferecer ao grande pai americano, ralando seus joelhos e entrando em filas de comida gratuita, pois através do olhar dele Laura passa a reinventar seu fantasma, passa a deixar que seu corpo seja erótico. Mais do que uma

resolução edípica, trata-se de finalmente enterrar o pai concretamente e desenterrar seu próprio corpo. *O corpo do pai de Laura parece estar agora enterrado na curva do rio Charles...*⁹

Corso e Corso (2006) afirmam:

Não há mulher que possa ou queira plenamente se instalar nesse lugar passivo. Antes de se deitar no esquife, cuidará dos detalhes do cenário, acompanhando com o canto do olho cada movimento do príncipe. Mas essa história dá conta de um resto infantil que se imiscui na gênese da sexualidade feminina: a importância de ser desejada pelo pai. Não há melhor resposta para o desejo de ser desejado que o fato de ser escolhido quando não tínhamos intenção de seduzir. Assim, uma menina gostaria de perceber o impacto de seus encantos sobre o pai sem que tivesse de passar pelo constrangimento de seduzi-lo, ou de entrar em qualquer disputa com a bruxa de sua mãe. Dessa forma, a passividade passa a fazer parte da cena erótica humana, mais enquanto uma fantasia que uma posição propriamente dita. É também enquanto fantasia que a passividade assumiu lugar privilegiado na erótica feminina, traduzindo-se num intenso desejo de ser desejada, arrebatada e possuída sem ter de fazer nada para provocar a cena. (p. 87)

No caso de Laura, se a paciente desiste desta ilusão morre nas mãos da bruxa, ou de sua mãe. Mas por que a mãe ganha, para Laura, o estatuto de bruxa em sua história? Ao casar-se novamente, a mãe, que poderia ter oferecido um pai à filha e fazer deslizar o significante paterno, parece não ter podido correr o risco de perguntar ao seu espelho quem era a mais linda, já que a resposta poderia ser sua filha adolescente. Nesse arranjo de lugares – colocado a partir da entrada da figura do padrasto na família – a mãe afasta-se da figura de mãe porque aproxima-se em demasia da figura da esposa (que precisa garantir seu lugar de amada junto ao padrasto) e acaba por agir tal qual a madrasta dos

⁹Charles River – Principal rio da cidade de Boston.

contos de fada, tendo Laura como enteada. É importante notar que ocorre outra perda para Laura quando sua mãe perde o estatuto de mãe e ganha estatuto de madrasta.

Como então ter um pai na migração possibilita à menina dar um giro em sua condição subjetiva? Freud (1933[1932]), em seu texto sobre a feminilidade, nos diz: “Orientaremos, agora, nosso interesse no sentido de saber unicamente que coisa põe fim a esta poderosa vinculação da menina com sua mãe. Conforme sabemos, este é seu destino habitual: está determinado a dar vinculação a seu pai” (p. 122). Portanto, a perda do pai biológico traz luz à questão: se partirmos do Édipo, em que há a perda da mãe, com a promessa do reconhecimento do pai, poderíamos perguntar: como pode uma menina *perder a mãe* se não há a sustentação necessária da figura paterna, já que traço diluído, para promover a passagem de uma condição pré-edípica para uma edípica? Em outras palavras, como poderia Laura fazer a passagem para a vida adulta, abandonando sua função de provedora da família, descortinando sua castração, no sentido de aceitar que o pai está morto, sim, se é o pai quem garante: “pode enlouquecer que estou aqui”?

Por que o pai tem que ser buscado na experiência da migração? Qual a relação entre migração e o pai do país de origem?

Retomando o que nos diz Todorov (2003) sobre a descoberta da América por Colombo, nos ocorre que a “[...] promessa de ouro para acalmar os outros em momentos difíceis” (p. 9) a que ele se refere, informa sobre uma promessa, uma ilusão, uma busca, seja ela consciente ou inconsciente, que põe em

marcha uma migração. A partir de nossa leitura do caso de Laura, depreendemos que se há uma busca é a de dar conta de *um pai que está atrasado, que nunca chega*. É como se Laura fizesse o movimento explicitado por Freud (1913[1912-13]) em “Totem e tabu”:

Se nosso pai nos houvesse tratado da maneira que o totem [Estados Unidos] nos trata, nunca nos teríamos sentido tentados a matá-lo. Desta maneira, o totemismo ajudou a amenizar a situação e tornou possível esquecer o acontecimento a que devia sua origem. (p. 148)

Entendemos que a migração que descrevemos neste capítulo refere-se à tentativa de (re)construção da figura paterna. Como este mecanismo psíquico é possível? Freud (1914), nos dá ainda o exemplo de como um impulso desaparece na consciência no caso de fobia animal do Homem dos Lobos:

Substituindo o pai, encontramos num lugar correspondente um animal que se presta, de modo mais ou menos adequado, a ser um objeto de ansiedade. A formação do substituto para a parcela ideacional [do representante instintual] ocorreu por deslocamento ao longo de uma cadeia de conexões determinada de maneira particular (p. 159).

O termo pátria significa também o lugar de origem e ao qual se pertence como cidadão. O antepositivo *pater* remete a pai, ou é relativo ao nome do pai. Joel Dor (1991) em seu livro *O pai e sua função em psicanálise* nos diz: “Menos necessário dizer se o país que acolhe se refere à função de pai: todo terceiro que responder à função de mediatizar os desejos da mãe e do filho vai instituir o alcance legalizador da interdição do incesto” (p. 16). Aqui temos ainda como pano de fundo um pedido específico de acolhimento aos Estados

Unidos, que é imaginariamente referido como “um país que funciona” que, por *deslocamento*, parece se referir a *um pai que funciona*.

Sabemos que o desejo do pai pela filha faz uma marca fundamental na constituição da subjetividade feminina. A migração que descrevemos funcionaria, então, como um sair pelo mundo procurando um pai que entregasse sua filha e, como uma filha que é levada ao altar, poder dar passagem para o erótico que o olhar desse homem estrangeiro desenterra do corpo. Lembremos que o olhar paterno desejante em relação à filha-mulher tem um estatuto diferente do olhar da mãe, na medida em que introduz a questão da diferença sexual. Aqui, como na adolescência/maturidade sexual, há um momento de possibilidade de reordenação na constituição psíquica da menina, quando o pai dirige à ela um olhar de reconhecimento dando-lhe um estatuto de mulher.

Radmila Zygouris (1995) em seu livro *Ah! As belas lições* coloca:

O estrangeiro fascina a criança, a atrai, lhe dá medo. Dele, ousa esperar o que não pode pedir a nenhum de seus familiares. Ele lembra a ela o exterior que está sempre por ser conquistado, uma vez que essa conquista é sinal de liberdade e vida. Essa liberdade que, desde a mais tenra idade, ela terá de subtrair a atração todo-poderosa exercida pelo corpo materno. Separar-se Dela é a primeira tentativa de sobreviver. Isso começa cedo. Pode se chamar de diferentes maneiras. Nesse empreendimento, a criança encontrará ou não um cúmplice, para se expatriar Dela sem sucumbir à perda do Dois primordial que formaram um dia. Ela e o mesmo da criança, cuja separação começa no momento do nascimento e, por vezes, nunca acaba. (p. 19)

Temos vários exemplos na cultura da filha adolescente orgulhosa, regozijando-se com a idéia de se passar por namoradinha do pai ou do pai dizer à filha: “Sua saia está muito curta...”, quando na verdade quer dizer: “Você já está uma moça e por isso desejável para outros homens”. Ao fazer isso, sabemos que esse pai está lançando um olhar com potencial de ressignificar a relação da menina com seu primeiro objeto amoroso, a mãe. Um olhar que o pai dirige à filha e que por não ser incestuoso, permite que a menina habite um corpo de mulher, fundando este lugar. Inclusive Eliana Calligaris (2005) afirma em seu livro *Prostituição. O eterno feminino*, que crer que um dia foi amada pelo pai, “[...] possibilita que a menina não permaneça na posição de eterna demanda de ter esse amor oferecido por outro (ou outros)” (p. 26). No caso da migração poderíamos pensar que este mecanismo de eterna demanda de ter o amor oferecido por um outro equivaleria à posição de mendicância por um pai/pátria de adoção sem nunca conseguir inserir-se na nova cultura, no estrangeiro; no entanto, a desistência deste apelo seria, em alguns casos, ficar à eterna espera e poder somente contar com o olhar absoluto de uma mãe.

No caso de Laura, sua mãe faz o interdito do desejo do pai pela filha na escolha do nome. Calligaris (2005) nos chama a atenção para o fato de que a prostituta – no imaginário social – é aquela que pode dispor de seu corpo, que pode se entregar, que tem o corpo erotizado. A mãe da paciente, ao interditar o nome, está dizendo de certa forma: “seu corpo não pode ser erotizado”. Ao interditar o nome associado à prostituição, essa mãe interdita o olhar paterno desejante em relação a essa filha-mulher com quem somente pode

compartilhar atividades inócuas: como lições de matemática. Essa interdição deixa marcas. De certa forma, a escolha fictícia do nome Laura para este caso clínico dá pistas de que a aposta de direção de cura gira em torno da apropriação de algo recalcado ao redor desse nome. Algo rechaçado nessa família, como o desejo de seu pai por ela. Pensamos, também, que ser ilegal pode dizer de alguém que não pode dispor de seu corpo. É possível que a ilegalidade para Laura seja um significante que sustenta a representação da impossibilidade de legalmente (apoiada pela lei paterna) dispor de seu corpo. Nesta lógica, ter o desejo do pai é poder voltar a dispor do corpo escondido atrás de farrapos. Daí a necessidade de recriação de um pai, de um pai que deseje esta filha.

Na presença de sua mãe e do marido desta, ambos jovens, a moça não dava mostras de sua sexualidade. Em seu caso, a fantasia sobre a possibilidade de incesto era muito mais premente que em outras mulheres, em função da morte do pai e da presença de um padrasto. Afastar-se de seu próprio país talvez tenha igualmente servido para tornar-se estrangeira a impulsos que a deixavam desprotegida perante as figuras parentais e seus representantes. Neste sentido, parece que o olhar do padrasto sobre Laura não se apresentava como um ancoradouro viável em que a paciente pudesse descansar e viver sua feminilidade.

Neste capítulo, evocamos o caso de uma paciente em sua tentativa de passagem de uma posição impossível para outra que se fizesse viável. É a partir dele que pensamos que a migração poderia funcionar como a saída encontrada por alguns sujeitos de modo a realizar uma (re)construção parental. Para tal, observamos que Laura faz um deslizamento do significante paterno

para a figura do estrangeiro, e nesse deslocamento há uma possibilidade de entrada na rede edípica. No capítulo seguinte, dando seguimento ao nosso estudo, tentaremos desenvolver como os elementos inerentes ao processo migratório se articulariam com a possibilidade de fazer movimentos psíquicos.

4. MIGRAÇÃO COMO O “ESPAÇO ENTRE”

4.1 A experiência de Bonneuil

Segundo Houaiss (2001), o antepositivo *migra*, do verbo latino *migro*, significa passar de um lugar (ou estado) para outro, mudar de residência, alterar-se. Migração é um termo adotado para definir a mobilidade geográfica de pessoas, seja individualmente ou em grupo. A migração propriamente dita, refere-se à deslocação de um país a outro ou de região suficientemente distante, num espaço de tempo considerável em que o viver e desenvolver atividades nessa outra região estejam envolvidas. De que modo as migrações podem articular-se a tentativa de se realizar deslocamentos psíquicos?

Auxilia neste estudo, a apropriação do conceito de deslocamento (Laplanche e Pontalis, 1986), proposta desde a origem da teoria freudiana das neuroses.

É o fato de a importância, o interesse, a intensidade de uma representação ser suscetível de se destacar dela para passar a outras representações originariamente pouco intensas, ligadas à primeira por uma cadeia associativa. Este fenômeno, particularmente visível na análise do sonho, encontra-se na formação dos sintomas psiconeuróticos e, de um modo geral, em todas as formações do inconsciente. A teoria psicanalítica do deslocamento apela para a hipótese econômica de uma energia de investimento suscetível de se desligar das representações e de deslizar por caminhos associativos. O livre deslocamento desta energia é uma das principais características do modo como o processo primário rege o funcionamento do sistema inconsciente. (p. 116)

Sabemos que o sujeito somente se desloca numa cadeia associativa. Há uma sobre-determinação no deslocamento. Retomando o caso de Laura, é como se a paciente dissesse: “*meu país não dá condições*” para denunciar os verdadeiros deslocamentos que a paciente quer fazer.

Ainda sobre a questão do deslocamento, em seu livro *Psicopatologia Fundamental*, Berlinck (2000), referindo-se às lutas anticoloniais, pondera que a diferença entre os bem-sucedidos e os que fracassaram é uma falta de autonomia, possivelmente regida por uma estética fálica em que o colonizado se coloca na posição de destituído diante do colonizador. Ele diz:

Como se sabe, o *deslocamento* é uma das principais armas da guerra de guerrilha, que é sempre uma guerra de movimento, ainda que nunca esteja descartada a possibilidade de uma guerra de posição, pois o próprio movimento assegura o domínio sobre um território. Porém, a identificação, quer seja a um território, ou melhor, se deslocar, num território, a mudar de fisionomia, de profissão, de nome, e de grupo de pertinência é uma das regras básicas da luta anticolonial. Mas é também uma das regras básicas do combate contra ataques virulentos externos. Assim, os manuais de guerrilha recomendam que o guerrilheiro não deve nunca entrar em contato com sua família de origem e deve estar sempre misturado na massa sem se identificar com ela. (p. 187; grifo nosso)

Se o migrante fosse um verdadeiro guerrilheiro lutando contra um mal-estar psíquico, não deveria, de fato, comunicar-se com a família. No entanto, sua batalha é muito mais difícil e longa, já que em seu deslocamento não sabe com quem, e contra o que está guerrilhando. Este saber, evidentemente, é inconsciente e somente se adquire *a posteriori*.

Lembremos então que Laura faz, literalmente, duas análises. Uma enquanto estava nos Estados Unidos, e outra no Brasil. Entre essas duas análises há o regresso à terra de origem. Em sua primeira análise, seu exílio é escutado da seguinte forma: em seu Édipo, dada a sobreposição na figura da mãe: da vontade de matar e a de possuir uma mãe não interditada se torna impossível estar no Brasil. É como se essa fuga edípica nos falasse que afeto e pulsão estariam situados somente no corpo da mãe, num só sujeito, não deixando a Laura nenhuma possibilidade de defesa, de distanciamento.

Na tragédia, Édipo tem dois destinos: matar o pai e casar-se com a mãe. No caso de Laura, a paciente se situa na equação impossível de dirigir afeto e pulsão num mesmo sentido. Retomemos com Freud (1940[1938]) o processo de constituição subjetiva na menina:

Se uma menina persiste em seu primeiro desejo – transformar-se em menino – em casos extremos, acabará homossexual manifesta, ou doutra maneira, apresentará traços marcadamente masculinos no encaminhamento de sua vida futura, escolherá uma vocação masculina, e assim por diante. O outro caminho é feito através do abandono da mãe que amou: a filha, sob a influência de sua inveja do pênis, não pode perdoar à mãe havê-la trazido ao mundo tão insuficientemente aparelhada. Em seu ressentimento por isto, abandona a mãe e coloca em lugar dela outra pessoa, como objeto de seu amor – o pai. Se perdeu um objeto amoroso, a reação mais óbvia é identificar-se com ele, substituí-lo dentro de si própria, por assim dizer, mediante a identificação. Este mecanismo vem agora em auxílio da menina. A identificação com a mãe pode ocupar o lugar de ligação com ela. A filha se põe no lugar da mãe, como sempre fizera com seus brinquedos; tenta tomar o lugar dela junto ao pai e começa a odiar a mãe que costumava amar. (p. 222)

Laura tem a mesma demanda nas duas análises: *Afastar-se do corpo da mãe*. No entanto, a partir da migração e da análise, conseguindo algum lugar

simbólico, regressa ao Brasil e diz à analista: “Não estou me dando bem com minha mãe”. É como se na realidade dissesse em sua demanda: “Como posso fazer para matar minha mãe?” É a partir de seu retorno que Laura percebe que não é possível salvar a versão imaginarizada que faz de sua mãe.

É também interessante notar que ao abandonar a língua materna algo se rompe. Ela pode dizer que o pai está morto e, em seu retorno, Laura não volta mais para o mesmo lugar. O familiar se torna estranho. André Gide, em conversa com Walter Benjamin (1971), faz uma citação que parece estar em consonância com o descrito no caso clínico de Laura:

É justamente o fato de ter me afastado de minha língua materna que me forneceu o entusiasmo necessário para dominar uma língua estrangeira. No aprendizado das línguas, o que mais conta não é o que se aprende, o que é decisivo é abandonar a sua. É apenas dessa maneira que, em seguida, a compreendemos a fundo [...] É somente abandonando uma coisa que nós a nomeamos. (p. 281)

Para pensarmos esta questão, iniciaremos com uma breve exposição sobre a experiência da escola de Bonneuil¹⁰ que remete à proposição do conceito de “instituição estourada” para pacientes graves, proposta por Mannoni. Nessa proposta, distanciar-se concretamente cumpria a função de uma mudança de sintoma (referindo-se a alguns casos de pacientes graves que ela mandava para a escola ou para famílias com função acolhedora). Afirma Mannoni (1995):

Assim as crianças e os adolescentes de Bonneuil podem aprender gradualmente, por exemplo, por estadas de longa duração, adaptadas ao ritmo da criança e dos adolescentes, nas famílias

¹⁰ Escola Experimental de Bonneuil-sur-Marne, fundada em 1969 na França, por Robert Lefort e Maud Mannoni.

acolhedoras da província e por pernoites regulares em um dos alojamentos noturnos a simbolizar experiências de perda.” (p. 91)

Que perdas precisam ser simbolizadas? Em “Além do princípio do prazer”, Freud (1920) descreve a experiência de uma criança de um ano e meio que nunca chorava durante as ausências prolongadas da mãe, passando a representar essa ausência através de um jogo com um carretel. No jogo, fazia desaparecer e reaparecer objetos emitindo o som “o-o-o” e “da” com satisfação, representando a ausência e presença da mãe. De acordo com Freud, ao se colocar em cena ativamente, a criança encena nesse jogo o que ela sofreu passivamente, representando seu próprio papel de objeto, realizando a grande obra cultural da criança que é a de suportar a saída da mãe que, em outras palavras, seria uma certa renúncia à satisfação da pulsão.

Partindo então de Freud, Mannoni (1995) descreve o significado do “Jogo do Fort-Da” para o conceito de instituição estourada, da seguinte forma:

O jogo do Fort-Da, ou essa oscilação entre um aqui e um lá, é introduzido na escola experimental de Bonneuil toda vez que a estada aí de uma criança se efetua em alternância com uma estada fora, em outro lugar [...] Juntamente com o ir-e-vir oferece-se um espaço significativo, em que a criança é levada *a perder-se para se lhe propiciar a ilusão de renascer aí*, sustentando-se como sujeito pelo jogo de escansão presença-ausência. Em contraste com o que se passava no “Fort-Da”, a mãe não parte; mas a criança é colocada em situação de deixá-la e de deixar Bonneuil. Mantém-se idêntico o tipo de discurso que se tem a partir de uma presença perdida. (p. 79; grifo nosso)

Assim como na experiência de Bonneuil, Laura vai para os Estados Unidos, deixando-se perder com a ilusão de aí renascer. A migração, em seu

movimento de ir e vir, também lhe propicia um novo espaço significativo. Ela volta ao seu país de origem, podendo dizer que o pai está morto e, a partir disso, pode de fato abandonar a mãe, que já não precisa ser a mais linda ou sua melhor amiga. Como diria Freud, realiza a grande obra cultural da criança que é a de suportar a saída da mãe. Um outro exemplo clínico deste mecanismo nos veio de um paciente discorrendo sobre o seu sonho de ser estudante de intercâmbio. Em sua fantasia estava implícito: ter uma família que iria prover um ambiente protegido para que o paciente pudesse experimentar algo longe de casa. Ainda, Marie Claude Lambotte (2000) ressalta as anotações de Freud sobre seus casos do Manuscrito F. “[...] a respeito deles o autor assinala que o estado de seus pacientes melancólicos melhora quando se afastam de seu meio familiar ou profissional habitual para exercerem novas atividades em outros lugares” (p. 65).

A questão que obviamente se coloca é: de que modo a estada fora, longe do lugar de origem, oferece a possibilidade de abrir um novo espaço significativo para o sujeito? Podemos dizer que qualquer pessoa que tenha vivido uma migração deve concordar, em maior ou menor grau, que estar privado dos hábitos em geral, códigos existenciais e éticos, hábitos alimentares, vínculos familiares e idioma propõe uma ruptura em aspectos tão arraigados, que tem o potencial para promover uma experiência de bastante regressão. No caso de Laura esse aspecto fica evidente quando dizia: *“Eu não conseguia pegar um refrigerante na máquina, que parecia muito complicada, de repente um menino de cinco anos tirou o refrigerante e eu fiquei morrendo de vergonha, me sentindo uma analfabeta”*. Sim, na verdade Laura experimenta um analfabetismo, um analfabetismo significativo. A partir da migração as peças do quebra-cabeças do código social tinham sido não só renovadas como

estavam todas desencontradas. A paciente teria agora a função de refazer, ou não, o caminho de reconhecimento de um outro campo significante.

Os códigos lingüísticos e os comportamentos não fazem mais ressonância e o semelhante passa a ser um estranho, um estrangeiro que não entende mais o que o sujeito diz. Parece que, se por um lado, na língua materna podemos nos enganar e dizer para nós mesmos: “Nós nos entendemos”, por outro, o sujeito que migra pode finalmente passar a compreender o impossível da comunicação. Essa ausência de ressonância, seja em território nacional ou estrangeiro corresponde, de uma certa maneira, à possibilidade de saída da língua materna. Na migração, perdendo a possibilidade de fala, o sujeito perde a posição de seu sintoma na linguagem.

Eliana Mello (2004) faz uma contribuição para nossas investigações, utilizando a diferenciação realizada por Walter Benjamin da experiência (*Erfahrung*) em prol da experiência vivida (*Erlebnis*). A autora recupera, então, a noção de *Erfahrung*, em Benjamin para nos dizer que:

[...] na experiência o sujeito está exposto aos riscos de uma travessia que sublinha o saber da experiência no campo da paixão [ou *pathos*], no que esta suporta de tensão entre a vida e a morte. A experiência seria então um ato de corte que produz um intervalo, uma diferença com formas preexistentes. (p. 20)

Mello nos diz ainda que:

[...] esta descrição de experiência atribui também uma precisão para o termo passagem, alertando para o fato de que *a transformação não se restringe a simples mudança de lugar*, mas está determinada, sobretudo pela construção arriscada de uma travessia. *Trata-se, desta forma, de um saber que não pode*

prescindir de alguém que o encarne numa sensibilidade singular de estar no mundo [...]. (p. 20-28; grifos nossos)

Concluimos que o saber da experiência no campo da paixão ou de *pathos*, é este saber de um corpo em cena, que é afetado, que como nos diria Fédida (1988) seria o *pathos* que porta em si mesmo a possibilidade de um ensinamento interno, sob a condição de que seja ouvido por alguém podendo então ser transformado em experiência.

No caso de Laura, a paciente migra na busca de trocar de país e quando chega aos Estados Unidos fica inadequada, infantil, deslocada, revelando um mal-estar, seu *pathos*. “*Tentei muitas vezes o jeitinho brasileiro de conseguir as coisas, mas passou a não mais funcionar.*” É esta ruptura dos significantes que faz emergir o *pathos* e cair a ilusão de que basta estar fora para reinventar-se. Pensamos que neste aspecto de desilusão forçada, de alguém que repentinamente se vê destituído de qualquer referencial conhecido, pode culminar com a desorganização e estranhamento de si e é possível que esta descontinuidade adquira um caráter catastrófico. Ou não. Afinal, essa pode ser uma metáfora de um início de análise.

J. B. Pontalis (1990) em seu livro, *A força da atração*, define a transferência, “[...] como um mecanismo fundamental da análise, como um conceito portador de uma migração e que é na mudança de estado que reside a mola da análise” (p. 105). Segundo esta assertiva, arriscaríamos dizer que o migrante, diante da ruptura dos códigos da linguagem em que está imerso, então se aproximaria do paciente que fica frustrado diante de um analista que se faz neutro, estrangeiro. É esta insatisfação que vai acionar padrões transferenciais, gerando um retorno regressivo às moções recalçadas.

Em consonância com o que nos diz Pontalis, concluímos que ser migrante ou estar num país estrangeiro confronta o sujeito consigo mesmo, podendo remeter à questão das origens ou por que não falar, ao que há de infantil no sujeito? Nas palavras de Koltai (2000a): “Chegar num novo país ou numa nova cidade nos obriga a recolocar a questão de quem somos, qual a nossa relação com nossos antepassados, o que foi que deixamos para trás e quem somos em relação à criança que havíamos sido” (p. 101). Abaixo, traremos uma vinheta clínica, fazendo um recorte dos aspectos transferenciais do caso:

4.2. O caso clínico de Ana

Ana é uma paciente que quer se curar da dor da perda de um amor e elaborar esse luto. O término do relacionamento é concomitante ao retorno de uma migração do Chile. Apresentando intensas oscilações de peso, revelava na análise a intenção de resolver a questão de um distúrbio alimentar. Oriunda de família italiana, descreve que em sua cultura – de refeições fartas e celebrações ao redor da mesa – não podia deixar de comer, já que em suas palavras, *“não comer significava não amor”* no contexto em que se encontrava. Diante dessa situação, segundo conta, somente lhe *“restava ficar na mesa como uma pedra, querendo ser transparente, porque ouvia a minha mãe brigar com minha irmã, que fazia regime e ia ficar muito magra; enquanto eu comia tudo para que a mãe não brigasse comigo. Eu acho que a minha mãe não amava a minha irmã. Em outras vezes, minha mãe não queria*

saber se eu estava com fome ou não e colocava um prato cheio na minha frente para eu comer e queria que a comida descesse goela abaixo”.

Desenvolve, a partir daí, uma compulsão por comer, sem controle, e sem dar-se conta do motivo, revelando um excesso, uma desmesura. Toma medicações para controlar a maneira como esta paixão/*pathos* se expressa.

Alguns meses após o início da análise, casa-se com outro homem, um estrangeiro, e muda-se do Brasil para os Estados Unidos em seu segundo movimento migratório. As sessões passaram a ocorrer quando a paciente vinha visitar a família no Brasil. Começa a descrever com muito sofrimento a relação no casamento, permeada de muita ternura, mas de pouca intensidade sexual por parte do marido.

Passa por uma difícil adaptação nos Estados Unidos, que é incrementada pela dificuldade em aprender a língua. Fica sem saber como funcionar no país estrangeiro e como se comunicar. Esta situação de ruptura dos códigos conhecidos e a ausência de qualquer ressonância na experiência estrangeira gera desespero e vontade de voltar ao Brasil. Em outros momentos, no entanto, começa a trazer associações sobre o que morar em outro país lhe proporciona.

“Ser estrangeira é ser anônima e livre de rótulos. Ao ‘navegar’ posso experimentar sem cobranças, porque o fato de ser estrangeira me dá uma desculpa – assim não tenho tantas cobranças. Aqui nesse país eu me ouço mais. Aqui as pessoas me consideram estrangeira e por isso fazem um esforço para me entender, me decifrar. Eu nesta terra estranha não venho com um

rótulo. Tenho mais liberdade para me vestir e as pessoas te ouvem mais sobre as suas dores, sobre a saudade. No Brasil, todo mundo já dá por entendido o que você está sentindo, por falarem a mesma língua, e nessas eu fico como um cão só obedecendo ordens.”

Depois de dez anos tomando medicação para emagrecer, resolve parar quando estava nos Estados Unidos.

“Quando eu como eu consigo não mudar – mas as coisas em minha volta continuam mudando. Eu não sei se estou pronta para a mudança. Eu preciso me distrair porque se eu ficar comigo eu não agüento. Eu não sei do que gosto ou não gosto e se eu ficar magra acho que vou perder a minha essência. Tenho muito medo”.

Para Ana, vir ao Brasil era motivo de muito sofrimento, uma vez que ao chegar ao país passava seus dias na casa da mãe, deitada ao seu lado no sofá, (prática freqüente da mãe), completamente impossibilitada de fazer qualquer outra atividade. Além disso, percebeu-se na volta aos Estados Unidos, também deitada no sofá, tal como sua mãe no Brasil. Surpreendeu-se com a constatação de que o marido, ao vê-la em posição de tamanha apatia, acabou ocupando a posição daquele que tentava retirá-la do sofá, expressão (estar deitada no sofá) que passou a ser um significante importante nos atendimentos. Em determinada sessão, revela:

“Eu não posso voltar para o Brasil porque eu fico muito afetada com os cachorros abandonados na rua. Eu tenho pena do cachorro da minha mãe. Eu descobri que quando estou no Brasil, eu e os dois cachorros passamos o dia

inteiro andando atrás da minha mãe. Eu tento levá-los para passear, me dá desespero ver que tem um jardim e eles não conseguem sair do lado da minha mãe, ter independência, ir para a vida... [a paciente se emociona]. O cachorro não é dono de si mesmo, ele tem dono. É horrível ficar ao lado da minha mãe no sofá. É engraçado porque nos Estados Unidos pelo menos, quando sou eu quem fico no sofá, pelo menos eu posso escolher os programas que eu quero ver. [Os Estados Unidos como a possibilidade mínima de algum espaço]. Se acontecer algo com meus pais é a gotinha que falta para eu ficar louca. Sem a minha mãe eu não sobrevivo. Acho que largaria marido, filhos... Por tempo indeterminado...”

Recorda-se que o marido, em sua própria análise, a descreve como um cachorro para ele, por achar que é fiel e terna. E sobre sua experiência estrangeira anterior, que em análise considerou frustrada, descreve:

“Quando eu fui morar no Chile fiquei muito deprimida na volta, porque fui e fiz tanto esforço para andar para frente, com as minhas próprias pernas... Sabe quando você sai da cadeia aí te pegam e você volta? Quando eu voltei do Chile eu voltei para a mesma situação. Para o meu quarto cor-de-rosa que eu tinha desde pequena, com o mesmo teto, a mesma parede... Desde que eu tinha onze anos de idade, e nada tinha mudado. Foi desesperador. Me digladiiei com a minha mãe para que eu pudesse mudar o quarto, para ver se mudava o ambiente ao meu redor... Mas ela não deixava. Acho que é o que busco quando mudo de país. Busco ambiente livre, sem essas vozes que me dizem sempre o que eu tenho que sentir ou fazer.”

A paciente é escutada na análise como se dissesse que a mãe está numa meia existência. A mãe no sofá e ela ao lado da mãe, ou como os cachorros, seguindo a mãe pela casa. No sofá, na meia-existência, faz uma complementaridade da existência precária da mãe, no lugar de falo da mãe. Como dissemos anteriormente, um conceito básico da psicanálise diz respeito à transferência: se o sujeito tem uma relação primitiva com a mãe irá repeti-la transferencialmente na sua relação amorosa. No que diz respeito à sua erótica, lá está ela, igualmente no sofá, e o marido tentando tirá-la desse lugar. O marido, entrando também com a sua subjetividade, tenta tirar a paciente do sofá e torna-se uma espécie de “terapeuta mal treinado”, certamente dando-se conta e incomodado com o sintoma dela, mas fazendo o que está ao seu alcance, segundo sua subjetividade. A posição do marido de tirar Ana do sofá é certamente outra, diferente da posição erotizada de um amante apaixonado.

“Quando cheguei aos Estados Unidos e estava estudando e ficava como dona-de-casa eu ficava sozinha mas dormia o tempo todo, ficava acordada somente na aula de arte.”

Disse à paciente que na análise ela me parecia muito presente.

“É que na análise eu estou de corpo presente, aqui eu consigo dar nome aos bois e tenho a esperança de que pode ser diferente. Aqui com você eu acho que eu produzi muito, mesmo estando no Brasil. Aqui na análise acho que é a minha embaixada, onde tenho um certo asilo político”. [Seu corpo pode estar presente, ou próximo, neste espaço que a paciente chama de embaixada].

Etchegoyen (2004) propõe um triângulo como possibilidade de interpretação que abarca três aspectos: o passado relacional, a crise contemporânea e a transferência. No caso de Ana temos:

1. o passado relacional, ou seja, o histórico de como ela lida com a sua imago materna;
2. a crise contemporânea que é o sintoma no casamento ou como ela produz o passado;
3. na transferência, sente-se diferente (estranha) de como se mostra para as outras pessoas. Em consulta, sente que pode se levar a sério. Em suas associações surge, então, o fato de que o espaço analítico é uma embaixada, asilo político, querendo dizer que no espaço analítico ela pode existir, que a analista não é uma pessoa deitada no sofá em sua meia-existência e a paciente tendo que complementar e não tendo a intenção desesperada de tirá-la desse lugar, como o marido precisa fazer.

A partir de nossa escuta do caso, remetemo-nos a Fédida (1988) que fala que o estranho abre para a fala e de que entre as dificuldades da prática de analistas, não é das menores a de se manter nesse sítio do estranho ou, como diria Freud, numa cena radicalmente diferente da do paciente. Fédida (1988) nos diz:

Ser o estranho confere sua plena significação ao neutro, exatamente segundo a acepção da recepção atonal que constitui o lugar recolhido das ressonâncias potencialmente mais favoráveis. O neutro é, portanto, caracterizado aqui pela capacidade de recepção (o analista recebe) que confere a máxima “chance” de linguagem: é instaurado por esta recusa da resposta, pois é a não-resposta que dispõe da negatividade constitutiva da linguagem. O neutro-estranho não é, portanto, um comportamento mas um lugar fundante das transferências e de engendramento da tra-dução da fala nela

mesma através da mediação da comunidade humana da língua. (p. 80)

Continuando, a partir do caso de Ana pensamos que se o analista se coloca como uma mãe no sofá – ou uma mãe intrusiva – já está condicionando a existência da paciente. Quando se recusa a encenar qualquer cena, e se coloca simplesmente receptivo e morto como sujeito, possibilita realizar essa capacidade de recepção, conferindo a máxima chance de atividade, de existência. É essa capacidade de recepção que põe a passividade de *pathos* em atividade.

Pontalis (1990) dá pistas do motivo pelo qual, para sentirmos e reconhecermos em nós o estranho, carecemos de um outro estranho. De acordo com ele:

O estranho é primeiro e mais evidentemente esse desconhecido que vem até nós e que não é nada para nós. Depois é aquele que evoca uma história a mil léguas da nossa, que luta com ela e se compraz em sintomas que nos fariam sorrir ou nos irritariam se não estivéssemos sentados em nossa poltrona profissional, e que se fecha em impasses dos quais acreditamos ter saído. Isso pode nos instigar, fascinar ou cansar, como pode acontecer como todo viajante em terra estranha. O que são pois essas maneiras de viver, de alimentar-se, de amar? O que é essa língua, que não entendo, mas que é uma língua, isto é, para os que a falam e não são lingüistas, toda a linguagem? O que são esses laços de parentesco tão autoritários e aberrantes em comparação com aqueles aos quais estamos submetidos sem perceber? E depois, pouco a pouco migramos, não para – não vamos nos confundir com, cada um com sua terra natal – mas em direção a essa terra estranha, esse sistema estranho. Então a análise começa. Ainda depois, quando nos tornamos familiarizados – *heimlich* – com esse mundo, talvez excessivamente familiarizados – chega o tempo em que podemos

dizer: meu paciente – é então que a prova toma outro tom. Ela se interioriza. O estranho, a alteridade está em nós. (p. 110)

Berlinck (2004) avança na mesma direção quando coloca:

[...] o estrangeiro provocaria uma tonalidade afetiva fundamental, uma disposição, afeto, *pathos*, disposição de humor etc. e que é esta natureza estrangeira que irá remeter o psicoterapeuta ao seu lugar próprio de aquele que acolhe o habitante de uma outra pátria, desconhecida e distante, onde se fala uma língua desconhecida. (p. 111)

É interessante notar que na relação transferencial a paciente se referia às sessões como “*nossa aula*”. Anotava todos os comentários da analista e se comportava como uma excelente aluna. Nesta equação em que a analista é sua mestre e a mestre pode ser dona (como de um cachorro), ela convida a analista a ser a sua nova gestora, a gestora de sua vida. É aí que a posição transferencial se torna um desafio. A mãe no sofá, o marido na retirada desesperada do sofá, e a analista? A analista não deveria propor nada. Pode oferecer o espaço ou um ateliê. O que Winnicott (1975) chama de espaço potencial. O analista pode ser um *host*; oferecer um lugar que acolhe, mas não oferecer mais nada, a não ser no sentido que traz esta paciente, como faria um embaixador. Este “asilo” oferecido pelo embaixador-analista é um lugar que, por seu aspecto de neutralidade, pode estar ausente de perseguição ou de ataques terroristas. *É esta posição de não-familiaridade por parte do analista que traz a possibilidade de haver algum confronto da paciente com seu próprio eu.*

Na transferência, esta posição coloca sempre um imenso desafio ao analista: o espaço analítico pode ser um asilo, mas não uma prisão. Há de ser um momento transitório, porque se um refugiado vai a uma embaixada e de lá não

sai, o espaço que poderia ser de abertura para o novo ou para o estranho adquire características de uma prisão. Neste sentido, a experiência do estranho ou do estrangeiro promoveria algo mais próximo de uma “metáfora congelada” (Rosa et al., 2007, p. 3) abrindo diante do desconhecido uma precipitação para o que na clínica pode ser observado quando pacientes incorporam a identidade do analista passando a ser uma cópia malfeita do mesmo, ou de sujeitos que, se falamos da experiência da migração, fazem uma cristalização identitária social e/ou nacional tornando-se a partir daí a “brasileira gostosa”, “o brazuca”, “o imigrante” ou adquirindo quaisquer rótulos que, por imaginarizados, pouco revelam acerca desses sujeitos.

Ana parece precisar dessa ausência de violência, espaço que tanto a análise quanto a experiência estrangeira lhe proporcionam. A ilegalidade, segundo o relato de alguns pacientes em países estrangeiros, parece adquirir essa mesma característica: um espaço, uma liberdade para ser, onde se está mais distante de uma certa violência. A escuta de alguns migrantes faz pensar que a ilegalidade ou o espaço analítico, já que no *man’s land*,¹¹ pode às vezes se aproximar mais de uma idéia de refúgio do que propriamente de um encontro com o estrangeiro. Meihy (2004), ao fazer um estudo sobre imigrantes brasileiros em Nova Iorque, nos diz:

A grande maioria dos brasileiros que vão para os Estados Unidos não aprende inglês. Eles vivem em comunidades mais ou menos fechadas e procuram resolver tudo entre si: casamento, amantes, amigos e inimigos. Eles têm que resolver tudo entre si, pois são *indocumentados, não podem aparecer*. (p. 61; grifo nosso)

¹¹ Terra de Ninguém.

O fenômeno que o autor descreve corresponde ao que observamos, mas gostaríamos de propor um passo a mais nesta investigação pela escuta psicanalítica. A citação acima nos remete à situação contada entre risos por uma paciente indocumentada que num curso nos Estados Unidos ao ouvir seu nome durante a chamada pela professora ficou em silêncio, fingindo-se de ausente. Disse não ter coragem de dizer que estava presente, dado seu sotaque na língua inglesa. Por que não podia estar presente, ou, como outros indocumentados, por que não podia aparecer? Pensamos com esta paciente, que aparecer significa construir um outro, e que o lugar de indocumentado é o lugar perfeito para não ser contestado pelo real. Esta paciente, ao dizer seu nome, se dizer presente, poderia ter que reconhecer a si mesma como alguém que existe, como alguém que tem uma identidade. Apostaríamos na direção de que, se por um lado o migrante indocumentado não pode aparecer, por outro, estar indocumentado funciona justamente para não ter que aparecer. Menos necessário lembrar que a identidade, ou “R.G.” é o primeiro documento que passa a não ser vigente numa migração. Tal qual verdadeiros guerrilheiros que não podem e não querem assumir a “identidade” de forma a combater ataques virulentos externos (como nos lembra Berlinck acima), muitos migrantes ficam então sem a identidade do país de origem e sem a identidade do país de adoção. Interessante notar, pelo menos neste sentido, a similaridade entre o sujeito no auto-exílio com os exilados (situação em que o sujeito ou grupo se vê forçado a viver fora de seu país, geralmente por motivos políticos, ideológicos ou religiosos), uma vez que o sujeito que se diz auto-exilado também pode estar buscando viver fora de seu país para obter refúgio contra ataques de violência. Evidentemente, esta condição do auto-exílio é inconsciente e somente pode vir à tona no momento em que o sujeito se dá conta de que o que busca na migração é um asilo ou embaixada.

Lembremos mais uma vez o caso de Laura: sua queixa para a analista é: *“sofro por ser ilegal”*. Fala de um sofrimento, revelando ao mesmo tempo um desejo: *“Eu quero distância”* dos *“pais que nunca chegam”*, do Brasil, dos brasileiros. *O limite da distância* é não ser ninguém, não ter um “ID” ou não assumir nenhuma identidade. *É na anomia da migração que o sujeito pode ousar realizar o desejo de distância. Este migrante criaria então um oásis para si, visto que está distante das leis do Outro; mas ao mesmo tempo paga o preço de ser um No man,*¹² *visto que está fora do laço social.*

Por outro lado, vemos também neste “espaço entre”, a função analítica disparada pela estrangeiridade, igualmente ressaltada por Bourdieu (1998). Ele diz: “O ‘imigrante’ funciona, [...] como um extraordinário analista das regiões mais obscuras do inconsciente” (p. 9). Pensamos que, talvez, esta função analítica disparada em terra estrangeira seja devido a esse lugar que não é dado *a priori*, onde há uma anomia, uma condição de não ser, espaço potencial de aspectos que podem preceder, ou não, um vir-a-ser. Ainda a este respeito, Zyggouris (1995) coloca:

A figura do estrangeiro permite que o outro se represente por intermédio de traços ainda não inventariados. O fora, o nome [...] ainda não encontrado, apenas um ser vivo, nem pai nem mãe, adulto seguramente, uma identidade para todos os possíveis... (p. 18)

Essa autora chama a atenção para aspectos do ser que ainda não foram desenvolvidos e que podem chegar a vir-a-ser na experiência estrangeira. Abaixo, citamos Fernando Pessoa (2005) que ilustra poeticamente as

¹² Ninguém.

possibilidades de vir-a-ser que ele descreve daquilo que também poderia ser uma migração:

Viajar! Perder países!

Ser outro constantemente,

Por a alma não ter raízes

De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!

Ir em frente, ir a seguir

A ausência de ter um fim,

E da ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.

Mas faço-o sem ter de meu

Mais que o sonho da passagem

O resto é só terra e céu.

Entendido como espaço que se abre, o *setting* estrangeiro poderia ser então este silêncio, o neutro; homólogo ao silêncio do analista, com potencial para inaugurar um lugar da fala do qual se refere Fédida (1991):

É na instauração do silêncio pelo analista que este dá a um questionamento que convida à fala e que solicita sua liberdade de dizer. O silêncio é a insistência da questão, que o paciente pressente como sua própria resistência em dizer. E a tentativa oral da fala abre-se para a angústia, no sentido em que a angústia seria o vazio [...] É aqui que se pode falar de um salto no desconhecido: é neste sentido que o silêncio do analista não é o comportamento de uma questão muda, mas sim um lugar de advento da própria fala [...] Assim, o silêncio que inaugura a abertura da palavra é um espaço –

o espaço indicado como conveniente à fala para que ela venha a se escutar no que diz. (p. 22)

Laura faz um deslocamento psíquico tendo um analista, este outro estranho, que escuta seu *pathos* e a ajuda a transformá-lo em experiência. Enquanto Ana, ao querer trocar de país, parece colocar a casa, a pátria, como símbolos da extensão dos pais. Em Winnicott (1982) podemos ver claramente a associação entre ambiente e mãe, ou ainda o útero como a primeira casa. Quando se propõe trocar de país, tenta mudar a sua relação com suas imagens parentais. Sonha sair do sofá, mas se encontra no sofá, daí sua decepção. Chega em outro país e repete o padrão transferencial, mas a partir do estrangeiro, do neutro, pôde ver de uma outra cena, parecendo aproximar a experiência da migração de uma função analítica.

5. “MIGRAÇÃO E SEGUNDO ESPELHO” / RECONSTRUÇÃO MATERNA

5.1. “Vidas tipo exportação” ou “*Life style* para brasileiro ver”

E os sujeitos que optaram pela migração, mas parecem não ter “saído de casa”?

Este tipo de movimento, que chamaremos de “Vida tipo exportação” – ou “*Life style* para brasileiro ver” – chama atenção pela forma como muitos brasileiros se retratam para os familiares que ficaram no país de origem, que consideramos aqui um triunfo imaginário da migração.

Para iniciar este capítulo, traremos o filme italiano “*Rocco e seus irmãos*” de Luchino Visconti, que narra a história de uma família que migra do norte da Itália para Milão, após a morte do pai. O irmão mais velho trata de “esquecer” o passado e “integra-se” facilmente ao seu novo destino. Em ceia familiar com sua nova família (a da noiva) é surpreendido com a chegada de sua mãe e irmãos à cidade grande para se reunirem e serem cuidados pelo primogênito. Já instalados na cidade, o irmão do meio parece não conseguir lidar com as confrontações oriundas da migração e entrega-se à bebida e à delinquência (rouba dinheiro de Rocco e mata a mulher que o irmão amava). Rocco, que acaba por revelar-se um pugilista talentoso, e o verdadeiro “cuidador” da família, tem inúmeras vitórias no pugilismo, que lhe servem para custear os “furos” de seu irmão delinquente. O filme termina com uma manchete de jornal referindo-se a mais uma luta ganha, anunciando “O triunfo de Rocco”.

A notícia, na verdade, joga ironicamente com o destino de Rocco, já que para ele triunfar é também ter que “carregar” para sempre o irmão e a família. No decorrer do filme, o espectador é informado de que Rocco tem um único desejo: ter a família da infância, cristalizada na época em que seu pai era vivo, a família ideal. Neste sentido, Rocco realmente triunfa em sua migração: ocupa o lugar do pai, provendo toda a família, não deixando que esse ideal se desmoronasse. Menos necessário dizer que o triunfo de Rocco é também sua miséria, pois na tentativa de evitar o luto do pai, o boxeador se põe em marcha com a família, rumo à migração para Milão. No entanto, diante do inevitável impacto que a migração causa, oferecer-se como objeto ideal suturando a morte do pai acaba sendo-lhe altamente custoso porque a ruptura dos significantes – que poderia deixar emergir o *pathos* e talvez ser transformadora – acaba funcionando como “golpes” não simbolizáveis no corpo de Rocco.

Traremos agora alguns casos escutados na clínica. Aqui nos referiremos a pacientes que, apesar de justificarem suas migrações pela questão econômica, acabam por viver numa situação precária nos Estados Unidos e toda a condição financeira alcançada acaba por servir para o envio de dinheiro para os familiares no Brasil.¹³ Passemos ao primeiro caso:

– *Minha irmã precisa comprar um lindo vestido de noiva!* Esta era a justificativa de Andrea, moça que passava seu tempo em Boston trabalhando

¹³ Os brasileiros que vivem no exterior enviaram em, 2005, um total de US\$ 6,4 bilhões ao Brasil (BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento).

17 horas por dia, passando privação em sua alimentação e horas de sono, trabalhando numa pizzaria, para mandar dinheiro para o Brasil.

O segundo caso ocorreu por ocasião da morte de um brasileiro. Um caixão foi mandado para o Brasil para que o enterro acontecesse. Como era o corpo de alguém que morava já há muitos anos nos Estados Unidos, o enterro se tornou um acontecimento na cidade, o que fez com que muitos conhecidos, e até curiosos participassem da cerimônia. O pai de uma paciente que também morava nos Estados Unidos, longe de consternado pelo falecimento do rapaz, que ele inclusive conhecia, estava eufórico com a possibilidade de ver um caixão que vinha de fora do país. A filha em análise comentou, sem saber ao certo o que pensar, o telefonema que havia recebido do pai, que dizia:

“Minha filha, agora que você mobiliou a nossa casa, você pode providenciar para o seu pai um caixão igual ao que o rapaz brasileiro foi colocado, porque o sonho da minha vida é um dia ser enterrado num caixão americano como aquele!”

Pensamos que o *status* de vida alcançado serve para fomentar a admiração dos que ficaram no Brasil e que vivem a vida do migrante vicariamente. Desse modo, o migrante posiciona-se como objeto ideal para os que ficaram que, segundo Freud (1920) seria “[...] tal qual a criança que usufrui da incondicionalidade da admiração de seus pais e vice-versa” (p. 113). Da mesma forma, para os que estão perto vivendo na estrangeiridade da migração, aceitar as “mentiras” sobre a vida que está sendo vivida, silenciando as críticas sobre as condições de seus pares, parece cumprir a função de manterem também a si mesmos na mesma condição ideal ou, como diria

Freud (1921), “[...] tendo a crítica deixando praticamente de funcionar, e tudo o que se faça está bem, não merecendo objeção” (p. 112).

É também em torno do discurso do ideal dos que se foram, que muitos brasileiros estão à espera de seu momento de migrar. Baseando-se em Freud, Bleichmar (1985) avança na compreensão do funcionamento destes grupos:

O integrante de um grupo para o qual sua relação como esse está dominada pelo tipo de discurso que sustenta o ideal já decidiu que a ação de seu grupo é perfeita mesmo antes que tenha ocorrido [...] Não se deve ver nisso simplesmente o efeito de uma submissão ao grupo; na realidade, resulta da satisfação narcisista que se consegue através da fusão com um grupo que seja equivalente a um ego ideal, sem falhas. (p. 62)

Voltemos à nossa vinheta clínica de Andréa: após a tragédia de 11 de setembro, esta paciente, assim como muitos brasileiros, volta ao Brasil. O motivo alegado para a comunidade brasileira nos Estados Unidos, e para os familiares no Brasil, era: este país agora está muito perigoso! No entanto, Andréa, não sem uma boa dose de vergonha, “confessa” em análise: “*Agora tenho um álibi para voltar!*” Entendemos seu discurso como se dissesse: Não posso quebrar o feitiço, a imagem do ideal precisa se manter. Neste sentido, a volta ao Brasil é de certa forma a desistência do eu ideal (materializado no sonho americano) e o temor de que no Brasil não poderá construir um ideal de eu com toda a imprevisibilidade de resultados que arriscar-se no deslocamento de seu narcisismo primário pode acarretar.

O terceiro caso é o de Antonia. Filha de um casal de brasileiros que estudava Direito numa importante universidade em Nova Iorque, a moça passou a

sofrer de distúrbios alimentares na experiência estrangeira e não queria mais morar fora do país. O pai, que nunca havia visitado os Estados Unidos, sonhava ver sua filha graduada em uma prestigiada universidade americana, e não permitiu que a filha retornasse para receber os cuidados médicos necessários. Ignorando os sinais de perigo da doença e do desespero da filha, deixava muito claro: *“Só peço a você que volte para casa com o diploma para mim, depois faça o que você quiser.”* Antônia é filha de um pai incapaz de fazer função simbólica, pai este que tem filhos espalhados em diversas famílias, sem exercer parentalidade em relação a nenhum deles. Esta paciente mudou-se para os Estados Unidos, depois para a Europa, e em suas sucessivas migrações continuou sempre repetindo o sintoma, que acabava por provocar que a família ficasse ao seu redor, todos unidos em torno de sua sintomatologia pelas infinitas ligações de longa distância da paciente para a família e vice-versa. Aqui acontece a dança perfeita entre a filha arriscando sua saúde para ocupar o lugar de suma importância para a família e os familiares que, arriscando a vida da filha, mantém a posição imaginária, pois não devemos nos esquecer que um filho morto também é um filho ideal. Vale aqui lembrar o início da migração de Laura em que o impedimento da morte simbólica de seu pai também era uma forma de manter “vivo” o pai ideal.

Este terceiro caso, o de Antônia, chama principalmente a atenção para o quanto a precariedade não diz respeito ao aspecto financeiro, mas sim emocional. Esta paciente se coloca em seu movimento migratório tentando preencher o vazio simbólico que o pai lhe deixa. Esta é claramente uma situação imaginária, uma vez que o vazio não se preenche, e sim precisa ser simbolizado. Importante notar que o aspecto totalizante do eu-ideal presente neste caso não se refere necessariamente a um atributo positivo (do migrante

que oferta dinheiro ou presente aos familiares), mas àquele que à custa de uma função sacrificial diante do ideal familiar, cumpre a função que lhe garante a condição ilusória da incondicionalidade por parte do outro.

Aqui nos permitiremos fazer uma aproximação ao que Lemos (2004) em seu texto, “À porta da rua”, nos fala dos jovens que vivem nas ruas:

Esse distanciamento familiar no tempo e no espaço não é apenas uma separação, mas uma separação que une, pois é a única forma encontrada de manter a relação familiar: à distância. Ou seja, o adolescente não sai, ele não faz a passagem, a ruptura, ele apenas se abstrai num espaço idealizado. (p. 168)

A migração nestes casos funciona como o ambiente que, por se localizar à distância, permite o *não deslocamento* de lugar, tendo a função de permitir ao sujeito a posição de colagem frente ao objeto.

Os casos descritos como “Vida tipo exportação” ou “*Life style* para brasileiro ver” ilustram que o discurso desses pacientes mostra que a distância e o poder econômico adquirido parecem se aproximar mais de um *show* ofertado por uma criança ideal à mãe. Aqui o carretel não se transforma em jogo, e sim como um fio, ou linha, lançado à distância (como as infindáveis e custosas ligações à distância Estados Unidos-Brasil), mantêm uma ponta presa à outra, servindo justamente para que a migração funcione neste lugar onde a separação nunca se dá. Deste modo, talvez os migrantes apresentados neste capítulo sejam aqueles que *não vão em busca do outro, mas da imagem do bebê no espelho já constituída, imagem esta que eles não querem reformular.*

Nesse formato a migração busca exatamente a cristalização de uma imagem percebida como perfeita.

Assim como nos casos descritos em “Vida tipo exportação” ou “*Life style para brasileiro ver*”, em que a migração funciona como um “não sair de casa”, o caso de Laura mostra que mesmo quando um sujeito encontra a possibilidade de um deslocamento de lugar na migração, não o faz através de um processo tranqüilo, isento de conflitos, ou de “idas e vindas”. Laura soube, por intermédio de outra pessoa, que sua ex-terapeuta estava escrevendo sobre migrantes. Ao tomar conhecimento desse fato, ela entra novamente em contato com esta pesquisadora e oferece as cartas que mandava para a família durante sua permanência nos EUA, para serem usadas nesta dissertação. Dado o cunho transferencial no qual o material é entregue, as cartas podem ser entendidas dentro de uma perspectiva analítica da mesma forma que um diálogo entre familiares é escutado na clínica. Essas são as palavras de Laura que, ao falar sobre as cartas, não sem uma boa dose de estranhamento, diz: “*Eu não conseguia me reconhecer nas linhas que havia escrito*”. Afirma também: “*Essa não sou eu, por que eu ficava bancando a pobre?*” e “*Por que a minha família não foi me visitar nenhuma vez?*” Ficou também absolutamente surpresa e enojada ao constatar como tratava a mãe – como objeto precioso, delicado e digno de toda a sua devoção. É através das “falas” de Laura nas cartas para sua mãe que propomos pensar como aspectos egóicos podem ser impeditivos do “migrar”.

5.2. Cartas

“Mãe,

... Vou te tratar como uma rainha.”

“Mãezinha,

... Queria muito que você viesse me visitar. Eu queria pagar a passagem. Veja quanto fica financiada, você poderia vir na baixa temporada. Vou ver quanto tenho no banco, o que eu puder fazer eu faço, meu presente de natal.”

“Mamãe,

... Estou muito preocupada com a situação dos aluguéis. Muito preocupada com você. Você não merece este stress. Gostaria que você pensasse seriamente em vir para cá.”

“Mã,

... Bom, acho que você precisa de umas férias, não deixe de ver a passagem e já me falar o dia que você vai reservar. Não me enrola, me diz o preço e nós vemos o que faremos.”

“Mãe,

... Falando de reuniões, gostaria de te pedir seriamente que faça as reservas da sua passagem para Março agora, para eu também me planejar aqui. Queria que você me dissesse o período que pode ficar, quanto custa a passagem, que você renove o seu visto para que não fique estressada.

“ Mãe,

... Você poderia ficar uns dois meses. Ninguém aí vai morrer, dinheiro por minha conta. Passe e divida as responsabilidades desde já e peça para que todos se empenhem uma vez que você tem direito uma vez na vida de ser tratada como uma rainha. Por favor me mande alguma informação concreta. Vou te levar para viajar, conhecer lugares, tudo por minha conta.”

“Mãe,

... Estou perdida aqui. Não sei que rumo tomar. Estou em cima do muro, me sinto sem Pátria. Não tenho mais. Se eu pudesse escolher não teria deixado o Brasil. Sinto que vou ficar dividida para o resto da vida.”

“Mãe,

... Hoje saí para comprar umas lembrancinhas para vocês.”

“Mãe,

... Agora entendo como se sente uma nordestina em São Paulo, só que é ainda pior porque não falo a língua.”

“Mãe,

...Tenho saído bastante quando não tenho que pagar nada.”

Nas cartas, o que nos chama primeiramente a atenção (e à paciente também) é porque a mãe de Laura não teria atendido aos insistentes pedidos da filha para que fosse visitá-la. Ocorre-nos que talvez a mãe soubesse da “traição” que estava por cometer sua filha. É como se a mãe de Laura dissesse: “Não vou participar desta construção fajuta de pai e mãe que você está fazendo longe de casa. Se você quer ‘sair de casa, vai ser para ficar só.’” Este exemplo de retaliação dos pais a partir da tentativa de separação dos filhos nos remete a um outro caso exemplar de três irmãos que moram fora do país de origem. Enquanto dois dos irmãos estão em análise, tentando ressignificar suas histórias, o terceiro parece ter migrado dentro deste modelo que descrevemos como um não “sair de casa”. Aqui também ocorre que, somente o irmão que migra para não “sair de casa” é que é visitado pelos pais, pois é percebido como aquele que não está “traindo”.

As referências a dinheiro e *status* também são dignas de nota, tanto nas cartas de Laura à mãe como no caso dos pacientes do tipo “*Life style* para brasileiro ver”. Dinheiro e *status* passam a ser almejados e exibidos por alguns sujeitos com a justificativa de cuidado em relação aos que supostamente ficaram numa condição menos favorecida. Aliás, esta frase nos parece absolutamente imaginária. Quem seriam os menos favorecidos no caso do migrante e sua família? De que desfavorecimento se trata? A que(m) servem as vitórias na terra estrangeira? Há também o chiste que diz: “a diferença entre o sexo pago e o sexo por amor é que algumas vezes o primeiro pode chegar a ser mais barato”. O chiste nos lembra que a manutenção “do bem-estar” dos que ficaram no lugar de origem também pode ser interpretado no sentido oposto: como uma forma de se desincumbir das “obrigações familiares”; através de

uma forma mais burocratizada de participação nas relações de família. É pagar o sustento da família para não ter que pagar de outra forma. O que esse dinheiro estaria pagando? Por que é tão comum esses migrantes irem para o “campo de batalha” para prover as famílias?

A aproximação que faço no chiste entre um certo tipo de migrante e ao sexo pago, não é por acaso. Calligaris (2005) discute a questão da violência que muitas mulheres sofrem com um pai que, por abusarem sexualmente das filhas as colocam numa posição de abuso ao mesmo tempo em que são privadas do amparo e proteção paternos:

O acesso ao pai foi negado às meninas que abandonam a casa e procuram na rua o que não lhes foi permitido no primeiro espaço. O pai não se apresentou como um ancoradouro viável onde descansar, por algum tempo que seja, de sua angústia de existir. O amor perdido permanece sendo a mãe, visto que o pai nem ao menos foi um amor encontrado ou cogitado. (p. 54)

Laura sofre por uma mãe ausente, a quem não cessa de se oferecer como objeto, fruto da ausência do anteparo paterno que possa interceder por ela. Neste sentido, Laura, sentindo-se órfã e sem casa, busca a migração como as prostitutas buscam a rua. É como se dissesse com as prostitutas: Se é para viver abandonada, vivo fora de casa. Então, casa, país, corpo da mãe, equivalem-se como o lugar de abandono de onde se quer partir, mas que, ainda, pela falta de ancoragem do pai, o único lugar para onde se é possível voltar, num eterno retorno ao que se refere ao materno. Gaston Bachelard (1993) em *A poética do espaço*, diz:

[...] o espaço é construtor e construído por aqueles que nele habitam. A territorialidade dos chamados meninos e meninas de rua passa por um forte desejo de libertação da opressão vivida dentro das unidades familiares, porém esta suposta liberdade acaba se tornando também o seu exílio. (p. 204)

Assim como estar na rua, migrar pode ser a saída de um espaço de abandono para outro de exclusão. Vale também lembrar que, ao migrar, Laura acaba realizando o mandato paterno: prostitui-se, sacrificando seu corpo em farrapos para tudo entregar à família. Como as prostitutas, dá sua carne ou seus joelhos esfolados de Cinderela em troca de dinheiro, mas não para enriquecer. Em palestra proferida no Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, Calligaris (2004) nos diz: “A oferta do corpo, que não seria aceita pela mãe diretamente, passa pelo dinheiro, mas é um corpo que se oferece ao reconhecimento da mãe, a um pedido desesperado de amor”¹⁴ (p. 12).

No tocante a este tema faremos referência ao que McDougall (1997) disse a respeito das motivações inconscientes por trás do comportamento adicto. A autora tenta compreender o que acontecia com a mãe de um paciente que dizia: “Algumas vezes não sei se estou triste ou zangada ou com fome ou se estou querendo fazer sexo – e é aí que começo a beber” (p. 199). Coloca ainda

¹⁴ Remessas para o Brasil 2006 (BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento):

65% dos beneficiários são mulheres

44% recebe mensalmente

59% dos que mandam dinheiro ganham menos de US\$ 10,000 por ano

50% do total de remessas vêm dos Estados Unidos (Europa 31% e Japão 17%)

que, “[...] embora possa parecer evidente por si mesmo, este foi o primeiro indício que tive da noção de que um dos objetivos do comportamento adicto era o de livrar-se de sentimentos” (ibid.). Procura o significado da palavra “*toxicomanie*”, que em francês significa literalmente “um desejo louco por veneno”. Em sua opinião:

[...] o objeto adictivo não era um desejo consciente de envenenar-se; ao contrário, era um ato que carregava a ilusão de fazer algo para ajudar a si mesmo em meio às dificuldades da vida cotidiana. [...] Neste sentido, [a migração] não tem um caráter de repetição de uma situação de sofrimento, ou de auto-envenenamento, mas adquire uma forma de evitar o verdadeiro sofrimento. (p. 199)

Voltando ao caso de Laura, qual seria seu verdadeiro sofrimento? A referência à casa fala de um amparo bastante primitivo que deixou de ser possível. A casa, que por si só já representa uma perda no real, também remete à figura materna que, em seu caso, dada a condição narcísica de sua mãe e/ou do luto em relação ao marido, não teve condição de “lamber seus filhotes”, já que estava ocupada em lamber suas próprias “feridas”. Eram mãe e filhos desamparados. Nesse sentido, a função materna também ficou prejudicada. Ficou “sem pai nem mãe”.¹⁵

Laura faz uma construção de que sua mãe a fagocitaria, organizando a verdade imaginária com esta frase para defender-se da idéia: “*Minha mãe não quer nada de mim!*” De qualquer forma, sua lógica não é de todo incorreta, pois para o bebê que não faz falta à mãe, somente lhe resta concluir que à mãe nada

¹⁵ Interessante notar que a expressão “sem pai, nem mãe” remete à idéia de que o sujeito ficou sem rumo, sem direção, errante.

falta; esta, por ocupar a imagem da mãe onipotente, de fato acaba sendo construída como tendo potencial para fagocitar. Ainda nesse sentido, Bleichmar (1985) afirma:

Quando a mãe deseja algo no lugar do filho e mantém uma relação com este objeto como sendo seu falo, ocorre um colapso narcisista no filho, que perde a identificação com o Ego Ideal. No entanto, para o filho, esta mãe continua sendo idealizada e onipotente porque é vista como fálica e não castrada. (p. 51)

A mãe de Laura não pôde fazer o necessário par fusional na constituição de sua filha, fato que pode ser observado quando a função feminina de ser mulher de um homem sobrepõe inteiramente à de ser mãe. Não restou lugar para Laura na rede familiar, que não o da condição de testemunha do amor parental, apontando muito mais para uma condição de objeto do que de sujeito. Sauret (1998) observa: “[...] a clínica nos coloca diante de situações como: a mãe só se interessa pelo seu homem e reciprocamente, isto é, o caso em que a criança não dividiria a mãe, nem a completaria, mas que talvez cairia como um dejetos. Seria o oposto do filho-falo” (p. 4). Aqui vemos que no país de origem, ou em casa, algumas meninas já podem estar exiladas, totalmente estrangeiras à dupla parental.

5.3. De um clã a Outro

Tua própria mãe
Tua própria irmã
Teus próprios porcos

Teus próprios inhames que empilhaste
Tu não podes comê-los
As mães dos outros
As irmãs dos outros
Os porcos dos outros
Os inhames dos outros que eles empilharam
Tu podes comê-los.

Aforismos Arapesh, citados por M. Mead apud Lévi-Strauss (2008)

A antropologia clássica nos traz o exemplo de tribos nas quais cabe às mulheres a tarefa de saírem e fundarem novos clãs. Em seu livro *As estruturas elementares do parentesco*, Lévi-Strauss (2008) nos diz:

Os Katchin dividem-se em dois grupos, mayu ni e dama ni. Os Mayu nis compreendem à tribo ou às tribos que fornecem esposas, e os dama nis, aqueles em que as mulheres encontram maridos.¹⁶ Neste sistema as mulheres não permanecem na mesma família senão durante uma geração. Deslocam-se, por assim dizer, de uma família para outra, enquanto os maridos não se movem. (p. 288)

Lévi-Strauss continua:

¹⁶ Uma tribo ou família que é dama de mayu ni – tribo que dá suas mulheres – é o dama dessa tribo. Assim, na aldeia de Matau há cinco famílias ou ramos principais. Os Chyamma ni são os dama ni dos Latsin ni, que são os dama nis dos Kawlu ni, que são os dama nis dos Chyamma ni. Da mesma maneira, os Latsin ni são os mayu nis dos Chyamma ni, que são os mayu nis dos Kawlu nis, os quais são os mayu nis dos Latsin nis.

Na verdade, a sociedade Katchin revela à análise três formações principais: primeiramente o clã, que só aparece entre as pessoas comuns e que, mesmo entre estas, reduz-se a um nome transmitido em linha paterna. Temos em seguida as cinco grandes divisões, fundadas numa genealogia mítica, e enfim as senhorias que, dentro de cada uma dessas divisões, ligam-se por articulações suplementares a esta mesma genealogia. Não parece haver dúvida que estas senhorias constituem linhagens, que se multiplicam pelo desprendimento, em intervalos regulares, dos primogênitos das principais casas, que vão fundar, em novos territórios, sua própria casa. (p. 292)

Aqui o destino das mulheres está previsto pela regra exogâmica que coloca uma restrição a que se estabeleçam casamentos no interior de uma mesma tribo ou clã e sua função é garantir a sobrevivência do grupo e fundar um intercâmbio, uma troca. Estamos diante do destino de meninas que ao se tornarem mulheres não têm mais lugar dentro de seus clãs ou famílias. Aliás, no caso específico de Laura, o exílio sempre foi sua condição: a casa era do casal parental, ou, mais ainda, a casa era de sua mãe.

Lévi-Strauss (2008) analisa estes regimes patrilineares e patrilocais que condenam as mulheres “[...] ao duro destino de um exílio teoricamente sem retorno em casas estrangeiras, freqüentemente diferentes pela língua e pelos costumes, não excluem uma certa solidariedade na linha feminina e talvez mesmo a despertem” (p. 350). Será que o saber inconsciente de que a mãe também teve de ser uma exilada é o que está na origem da solidariedade/dificuldade de a menina abandonar sua mãe? Bem sabemos o quanto é mais comum as mulheres freqüentarem os lares maternos depois de casadas, impondo a toda família as macarronadas dominicais de suas mães. Voltando ao caso da migração de Laura, uma solidariedade entre filha e mãe (“*Eu perdi meu pai e minha mãe perdeu seu marido*”) também poderia estar

dando lugar a uma verdadeira solução de compromisso que Laura realiza da seguinte forma:

1. Serei boazinha indo embora deste país e não dirijo afeto e agressividade para a mesma pessoa, minha mãe (foge da violência pulsional, ataques virulentos);
2. No outro país encontrarei pais muito melhores! (Tenta uma re-construção parental na migração);
3. Na migração eu providerei tudo e faremos de conta que o meu pai ideal (e seu marido mamãe) não morreu.

É também consenso que o fato de pertencer a uma nova tribo, família, ou pátria não é um processo isento de ambivalência ou conflito. Na própria migração de Laura observamos sua posição inicial de ir para longe para manter o “pai vivo” e somente *a posteriori* poder simbolizar a morte do pai. Retornando ao exemplo das tribos primitivas, Lévi-Strauss (2008) nos traz uma descrição de como o processo de consagração dos casamentos se mostra “tumultuado”:

O fato significativo, evocando um período mais recente, é que o mais poderoso sentimento a que a prática da exogamia dá origem entre as mulheres era o sentimento de expatriação. As canções antigas exprimem-no em um verso fórmula: “Toda moça que se casa deixa ao longe irmãos e pais” [...] Quando as canções de amor exaltam a felicidade dos esposos é para dizer que existe entre eles um acordo fraterno [...] Mas inversamente, uma das características da vida conjugal no início, tanto entre os chineses quanto entre seus vizinhos bárbaros, é a extrema dificuldade de aproximação entre esposos (ligados por uma união exógama). É preciso não menos de três anos para que o casamento se torne definitivo, tanto para os bárbaros como entre os antigos chineses, e entre estes últimos

acontecia que o marido só obtinha da mulher seu sorriso ao fim de três anos. (p. 351)

Esta passagem nos leva a pensar quão longo pode ser ou até que ponto é possível realizar uma migração ou a passagem para a exogamia. Freud (1931) já nos advertia sobre o Édipo feminino:

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude, dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, freqüentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse “complexo de masculinidade” nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e na verdade, *com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher.* (p. 238; grifo nosso)

Gilhodes, apud Lévi-Strauss (2008), traz um dado interessante sobre a cultura primitiva:

Todo casamento toma mais ou menos a forma de uma venda, na qual o preço da mulher varia de acordo com sua categoria. O lugar eminente que este aspecto do problema ocupa no pensamento do indígena exprime-se nos cantos de regozijo por ocasião do nascimento de um filho: Que ele cresça! Que se torne pai de numerosos filhos!”Exclama-se se for um menino. E se for uma menina “que ela cresça” que possa um dia ser dada em casamento e render à família búfalos, gongos, licores, vestidos!” comenta estas exclamações da seguinte maneira: “Os Katchin desejam ardentemente ter filhos meninos para continuar a propagar a família, meninas para tirarem lucro, especialmente por ocasião do casamento...” Já entre os Haka Chin “não se recusa um pretendente que pede uma moça em casamento, mas exige-se um preço exorbitante. O preço da noiva propriamente dito varia entre dois búfalos, dois gongos, dois cortes de seda, vários rolos de linha, um vestido de seda, e quatro ou cinco jarras de licor, se for uma moça do povo, e três ou quatro vezes mais se for uma moça bem nascida. (p. 302)

Será assim tão antiga a noção de que à mulher cabe restituir à família o pedaço de carne do qual nasceu destituída? Pois com Freud (1933[1932]) aprendemos:

[...] a diferença na reação da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha mostra que o velho fator representado pela falta de pênis não perdeu até agora, a sua força. A mãe somente obtém satisfação sem limites na sua relação com seu filho menino; este é sem exceção, o mais perfeito, o mais livre de ambivalência de todos os relacionamentos humanos. (p.132)

Ainda, se as meninas são para exportação, para darem lucro, nossa hipótese é a de que o dinheiro e o *status* são “obrigações familiares” que garantem a alforria, o preço a pagar por aquelas que precisam fazer o deslocamento de lugar.

Lévi-Strauss (2008), na realidade, nos ensina que mesmo nas tribos primitivas o benefício destas trocas não eram de fato materiais, pois em geral as trocas eram feitas entre presentes da mesma natureza e do ponto de vista econômico não tinham nenhuma significação. De fato, do que se tratava essa regra? Para o antropólogo, a troca das mulheres, no âmbito da sociedade humana como tal, assegura a humanidade dessa sociedade, ou seja, sua não-animalidade. Isto significa que a sociedade humana manifesta-se no universo da regra e não no da necessidade, no mundo da instituição e não do instinto. Assim, a passagem “de um clã a Outro”, ou a troca exogâmica das mulheres funda a sociedade como tal na proibição do incesto. Ainda, como em nosso caso *princeps*, Laura, ao tornar-se adolescente, sem nenhum outro pretendente dentro do clã, tinha como única saída buscá-lo fora, na exogamia.

Talvez seja importante ressaltar que consideramos que a saída esperada do Édipo é entender que a casa pertence à mãe e que para uma menina, já então mulher, não há lugar possível junto ao casal parental. Todavia, também entendemos e defendemos, com outros autores, que em algum momento do seu desenvolvimento psíquico a menina precisa ter acreditado que a casa também lhe pertencia e que existia um lugar para ela (por imaginário que tenha sido) na família nuclear. Não consideramos que Laura tenha tido tal experiência seja na realidade ou no campo do psíquico.

Pierre Clastres (2004) no livro *Arqueologia da violência*, concorda com o fato de as trocas estarem na base da questão da proibição do incesto e da sociedade humana; no entanto, faz uma observação ao pensamento de Lévi-Strauss (2008) que coloca a troca como “guerras pacificamente resolvidas”. Em outras

palavras, segundo esta acepção a guerra seria um desvio, como ruptura do movimento em direção à troca. Para Clastres, a sociedade primitiva é o espaço da troca e é também o lugar da violência: a guerra, tanto quanto a troca, pertencem ao ser social primitivo. Ele diz ainda que a guerra implica na aliança e a aliança conduz à troca. É por meio da guerra que se pode compreender a troca e não o contrário. “O ponto de vista dos selvagens sobre a troca é simples: é um mal necessário; já que é preciso ter aliados, é melhor que sejam cunhados” (p. 263). Para a psicanálise, a questão da ambivalência e do componente agressivo nas relações não é nenhuma surpresa. No caso dos grupos, por exemplo, Freud (1930) já apontava para o fenômeno do “narcisismo das pequenas diferenças” em “O mal-estar na civilização”:

Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação para a agressão [...] A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos não é nada desprezível. (p. 119)

Lembremos que Laura somente pôde retornar à pátria, casada com alguém de fora do clã, com um estrangeiro. Esta parece ter sido a negociação pacífica da guerra; a forma de proteger-se da violência ou dos ataques virulentos externos.

5.4. “A Melancolia erótica” do migrante

Na transferência, Laura colocava-se na posição daquela que não tinha nada para oferecer, como uma pedinte. Neste sentido, a paciente se apresentava como não sendo capaz de ter um raciocínio inteligente, de pensar, tamanha era

a obnubilação provocada pelo apaixonamento por sua mãe. Qual seria o sentido dessa veneração? *Salvar a mãe pelo menos.*

Em “Confusão de línguas entre os adultos e a criança”, Ferenczi (1992) fala da criança cuidadora dos pais. Diz que não é uma atitude despretenciosa, já que cuidar significa que essa criança poderá ter os pais de volta assim que “estiverem bem”. De acordo com ele:

A par do amor apaixonado e das punições passionais, existe um terceiro meio de se prender uma criança: é o terrorismo do sofrimento. As crianças são obrigadas a resolver toda espécie de conflitos familiares, e carregam sobre seus frágeis ombros o fardo de todos os outros membros da família. Não o fazem, afinal de contas, por desinteresse puro, mas para poder desfrutar de novo a paz desaparecida e a ternura que daí decorre. Uma mãe que se queixa continuamente de seus padecimentos pode transformar seu filho pequeno num auxiliar para cuidar dela, ou seja, fazer dele um verdadeiro substituto materno, sem levar em conta os interesses próprios da criança. (p. 105)

Calligaris (2005) coloca:

A mãe é colocada nesse espaço único, não por mera idealização do primeiro objeto de amor, mas sim pelo lugar que as figuras parentais ocupam na organização subjetiva das meninas. Aparentemente, quem pode dizer que a amiga de verdade é só a mãe, é aquela cuja lembrança confirma que, à mãe, pode-se pedir ser amada. A mãe poderia amar e, como um dom, fazer existir a casa. (p.54)

Como dissemos anteriormente, é fundamental que a menina acredite que um dia teve casa ou foi amada pela mãe.

Retornemos à questão da solidariedade entre mães e filhas nas tribos primitivas para nos indagar sobre o que implicitamente está presente e que aqui nos interessa: como fazer a passagem para outras tribos, outros lugares, quando não se pôde dispor da solidariedade das mães? Pensamos que para as meninas que não podem contar com suas mães – a não ser na versão de madrastas – o movimento exogâmico, ou a saída para ir ao baile conhecer o príncipe pode ter que ser postergada. Para estas filhas que optam pela migração a partir desta fragilidade, os joelhos esfolados não lhes garante nenhuma alforria, pelo contrário, elas correm o risco de ficar presas no castelo com a madrasta para todo o sempre.

Que fragilidade seria essa? Sabemos que a experiência com a mãe como formadora do eu e da noção de identidade articula a possibilidade de ter um lugar. De acordo com Lewis Munford (1998):

São múltiplos os sentidos atribuídos à cidade, porém quero ressaltar nestes fragmentos do pensar sobre o morar, o fato de que, nos hieróglifos egípcios, “**casa**” ou “**cidade**” podem surgir como símbolos de “**mãe**” como que a confirmar a semelhança da função formadora individual e coletiva. (p. 19)

Sabemos que o sujeito não pode se auto-inscrever, visto que a inscrição passa pelo laço. A mãe é aquela que satisfaz a necessidade de alimento e proteção do bebê, e que através dos primeiros afetos libidinais investidos possibilita que a criança apreenda no olhar deste outro, de silhueta ainda imprecisa, um duplo que aprenderá a reconhecer como sua própria pessoa. Recebe sua identidade da iniciativa desta mãe que a partir de seu gesto outorga à criança um lugar. Assim, a infância é iniciada em situação de total desamparo, colocando o bebê

diante da mãe que se torna, assim, o primeiro objeto de amor da criança, como podemos constatar a partir dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Dessa relação depende a sobrevivência do bebê, que vai estar nesse lugar de dependência em relação à mãe, esteja ela disponível ou não.

Já trouxemos anteriormente neste estudo o jogo do *fort-da*, que abordaremos agora na perspectiva de Fédida (1978), autor que dá um passo a mais dentro desta formulação freudiana quando formula o conceito de *Objeu* articulando *jet* (jogar longe) e *jeu* (brincar). Fédida nos diz que ao lançar para longe os objetos, a criança encontra uma nova maneira de se relacionar com os objetos, transgredindo a forma e criando um jogo inédito. É a partir deste jogo que se cria uma metáfora inesperada onde antes existia fusão do sujeito com o objeto, onde havia a Coisa. Lacan diz que a Coisa é o que está desde sua origem radicalmente estrangeira, inassimilável, designada como ausência ou buraco. A Coisa é o objeto primordialmente perdido, para sempre, mas nunca completamente, porque sempre se procurará reencontrá-lo. A Coisa é a mãe primordial, arcaica, apontada pelo incesto. Retomando o conceito de *Objeu*, de Fédida, é fundamental que a criança possa, a partir do jogo, brincar com a ilusão da ausência do objeto e que uma alucinação negativa se instale na presença do objeto para instalar a capacidade representacional. A capacidade representacional é o que dá lugar ao pensar, fantasiar e desejar quando o sujeito conseguiu conservar em si a presença do objeto na sua ausência. Em alguns casos, porém, quando o objeto não está disponível e a alucinação negativa acontece na ausência do mesmo, estaríamos lidando com um fenômeno correspondente a um carretel sem retorno.

Nesses casos, a migração poderia estar funcionando como uma tentativa de reenlace no carretel; como uma tentativa de uma (re)construção de um outro Outro para ser exposto quase no lugar infantil para questionar o que o Outro quer. No entanto, talvez aquele que busca o outro seja o sujeito que ainda pensa que um dia desvendará o que o outro quer dele ou o *Cheu voi?* de Lacan, que em sua estória pregressa não conseguiu entender. Nossa hipótese é a de que este retorno ao lugar infantil é como se o migrante tentasse voltar mesmo para o lugar do objeto perdido, para funcionar como um *segundo estádio do espelho*,¹⁷ como um momento estruturante da constituição do sujeito.

Não que todo neurótico não tenha a ilusão de poder voltar ao momento do objeto perdido. É inclusive esta possibilidade que põe o sujeito em movimento. Podemos ter inúmeros exemplos que vão desde a literatura como nesta citação de Alessandro Baricco (2007) em seu livro *Silk*: “It is a strange grief to die of nostalgia for something that you will never live” (p. 107), até à própria psicanálise, na citação de Piera Aulagnier (1979):

As formulações da primeira fase mostram a ambigüidade da relação da criança ao tempo futuro; tempo no qual a mãe voltará a ser aquela de quem acreditamos ser o objeto de desejo privilegiado, tempo no qual poderemos, finalmente, possuir o conjunto dos objetos que foram desejados pela criança e por seu próprio Eu, sendo deles o mestre absoluto. O tempo que separa o aqui e agora

¹⁷ Estádio do Espelho – este conceito é de importância primordial, já que se refere à estruturação do sujeito que recebe do Outro seus próprios cernes. É definido por Lacan como “um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental.” Lacan, J. O Estádio do Espelho como formador da função do eu, p. 100.

de um futuro vir, é identificado ao tempo que será necessário para o retorno de um passado perdido. O Eu só abre um primeiro acesso ao futuro porque ele pode projetar nele um encontro com um estado e um “sendo” passados. Mas isto pressupõe, entretanto, que ele pôde reconhecer e aceitar a diferença entre o que ele é e o que ele gostaria de ser, aceitação que só será possível se o encontro com um saber sobre a diferença que separa os dois “sendo” a ele referidos for acompanhado na oferta de um direito de esperar um futuro que poderá ser identificado ao desejo identificatório. Se este futuro é ilusório, e quanto a isso não há a mínima dúvida, inversamente, o discurso dos outros deve oferecer a segurança não ilusória de um direito a olhar e de um direito de palavra, a respeito de um “tornar-se” que o Eu reivindica como próprio. Somente a este preço a psique poderá valorizar o que por “natureza” ela tem tendência a evitar: a mudança. (p. 155)

Piera Aulagnier fala da necessária passagem de Eu Ideal para um Ideal de Eu como possibilidade de reconhecer e aceitar a diferença entre o que o sujeito é e o que ele gostaria de ser. No entanto, referimo-nos aqui aos casos em que talvez os sujeitos não acreditassem ter sido o objeto de desejo privilegiado de suas mães, ou ocupado o lugar do ideal para as mesmas. Talvez nesses casos o amor do pai (ou mãe) americano esteja bastante longe de propiciar um movimento exogâmico, sendo ainda a possibilidade de uma outra versão do espelho, às vezes não muito clara ou borrada, das primeiras relações objetais que se evidenciam em algumas migrações. O sujeito se sacrifica e venera o Outro como lugar, para esta veneração retornar e quem sabe constituir um lugar para si. Essa é a esperança. Temos aí a migração como uma tentativa de (re)construção de uma falha identitária originária. Neste sentido, trata-se da busca subjetiva de pertença, da *fundação de um lugar para autorizar-se a ser*.

No início da constituição subjetiva passamos necessariamente pela fase de incorporação canibalística. Essa é uma fase ambivalente, dado que a

incorporação do outro, para preservá-lo para todo o sempre, evitando o risco de perdê-lo, é realizada à custa do seu aniquilamento. Aqui também é interessante pensar que a ambivalência em relação à pátria de adoção é similar ao impasse presente nas situações em que um velho amor é trocado por um novo. Ou, como no funcionamento da mente infantil: Se eu amar a minha mãe eu traio o meu pai e vice-versa. Como sabemos, não existe ambivalência no inconsciente, apenas uma valência. Neste caso, a ambivalência, que é um afeto da consciência e que serviria para proteger do temor da perda do velho amor, trata justamente de preservá-lo, pois de fato no inconsciente o que há é o objeto desde sempre perdido.

Retomando a questão dos sujeitos que veneram o Outro como lugar – para constituírem um lugar para si – tomaremos o modelo da paixão, como ilusão para pensar este movimento migratório. A paixão é descrita por Jacques Ferrand (1623) em seu livro *Melancolia erótica ou doença do amor* como:

La crédula esperanza del enamorado lo mantiene vivo con la promesa de un futuro mejor. Esta esperanza, que inflama con su suave viento los locos deseos de los amantes, enciende en ellos un fuego que provoca un humo espeso, que ciega su entendimiento y se lleva consigo los pensamientos, los mantiene suspendidos entre las nubes, los arrebató el juicio, arrolla su razón y los hace soñar despiertos. (p. 106)

Não é esta ilusão apaixonada que em algumas migrações leva o sujeito a crer na esperança de uma promessa de um futuro ou lugar melhor lhe arrebatando o julgamento, a razão? Talvez na paixão possamos entender o sacrifício, pois é ela (a paixão) que nos promete o encontro com o impossível. Tomaremos aqui

também uma citação de Georges Bataille (2004) sobre a paixão em seu ensaio sobre o erotismo:

A paixão nos leva assim ao sofrimento, uma vez que, no fundo, ela é a busca do impossível e, superficialmente, a busca do acordo que depende de condições aleatórias. Porém, ela promete uma saída ao sofrimento fundamental. Sofremos pelo nosso isolamento na individualidade descontínua. A paixão nos repete incessantemente: se você possuísse o ser amado, este coração que a solidão estrangula formaria um só coração com o ser amado. (p. 33)

Jacques Hassoun (2002) propõe a paixão como sendo o modelo da melancolia, em função do esvaziamento do eu e da idealização do objeto da paixão. No entanto, não é nossa intenção adentrar na especificidade da estrutura subjetiva destes sujeitos. Referimo-nos aqui a uma “dimensão melancólica”¹⁸ presente no movimento descrito por Lambotte (2000)

[...] daqueles que por falta de um olhar aprovador que lhes teria significado sua identidade, erram para sempre em busca de seus próprios traços e se esforçam em vão em sustentar as ruínas de um narcisismo em perdição. Que a inibição se instale ou então que se traduza por uma fuga para diante, seja qual for a forma de produção que ela adote, talvez se trate sempre da mesma problemática, a de um sujeito a procura de sua própria identidade, quando esta lhe foi roubada por um espelho cego. (p. 29)

¹⁸ Referimo-nos ao termo utilizado por Ana Cecília Magtaz: manifestações sintomáticas da melancolia, uma neurose narcísica que podem ocorrer em outras estruturas defensivas, como por exemplo na histeria ou na perversão. Como o superego é uma dimensão estrutural do aparelho psíquico, a sombra do objeto pode se abater sobre o ego, independentemente da estrutura psicopatológica do sujeito. Isso quer dizer que a neurose narcísica possui uma dinâmica relativamente independente da neurose de transferência, na qual, ao contrário da primeira, o conflito se dá entre o id e o ego” (Magtaz, 2008, p. 25).

No modelo de funcionamento da melancolia,¹⁹ a perda do objeto ocupa uma função central e há um apequenamento do eu em função de suas auto-reprovações que encobrem as recusas contra o objeto de amor. Pensamos que a idealização do objeto e um apequenamento do eu é o que está presente em certas migrações em que o sujeito se coloca como dejetivo, mendigo, pedinte. Podemos por exemplo, nos recordar do caso de Laura, no momento em que dizia: “*Aqui eu não sou advogada, eu não sou nada*”. Por que alguém passa a apresentar-se como nada? Freud (1917 [1915]) nos diz que:

[...] os melancólicos não se envergonham nem se ocultam, já que tudo de desairoso que dizem sobre eles próprios refere-se no fundo, a outra pessoa. Diz ainda que nos delírios de observação, a desintegração dessa instância (ego), tornou-se patente e revelou assim sua origem na influência de poderes superiores e, acima de tudo, dos pais. (p. 254)

Laura quer comunicar à mãe que está encenando, na migração, o que já tinha passado em sua terra de origem na constelação familiar. Não há vergonha em ter a família inteira vendo-a como pedinte ou menina de rua, pois trata-se justamente de poder fazer a acusação: “Olha o que você me fez passar, sou abandonada”, ou como se dissesse: “É você quem deveria estar aqui para fazer um curso de como aprender a ser mãe!” Em sua auto-acusação melancólica surge o significante *nada* como se houvesse um giro na idéia de que “minha mãe não tem *nada* para oferecer” para “Aqui eu não sou *nada*!” Vale também lembrar que mesmo em suas acusações Laura não deixa de clamar por um olhar que a reconheça, que lhe outorgue os contornos borrados do espelho, quando se dirige à mãe contando que ficou como pedinte na fila do governo.

¹⁹ Aqui mais uma vez lembramos que a melancolia será usada neste estudo como modo de funcionamento e não como estrutura psíquica. Daqui por diante, ao citarmos o termo “melancolia”, estaremos sempre nos referindo a este modo de funcionamento.

Um “diga que eu sou sua filha” poderia ser escutado por trás de sua inócua conversa com a mãe. Podemos pensar que sob este aspecto Laura era uma exilada e uma pedinte, pedinte de amor. *No entanto, ao mudar de país é possível fazer um sintoma que, em seu aspecto de representação da Coisa, reenlaça sua mãe no jogo do carretel e lhe confere uma inscrição simbólica.*

Milton Hatoum (2005) em seu livro *Cinzas do Norte* também faz a associação entre uma certa dimensão melancólica e a migração. Ele nos diz: “Mona é uma mulher arisca, um sorriso seu é um acontecimento. Desconfia até da própria sombra e tem um olhar melancólico e auto-irônico dos para sempre expatriados” (p. 244). Lambotte (2000) chama atenção para o sentimento de exceção visto no melancólico. Ela se pergunta: o que há de mais desnorteador do que se crer marcado por um sinal infalível que fere de uma vez por todas e que deixa o sujeito diferente dos outros? Haveria talvez, como na personagem de Hatoum, uma dimensão melancólica, por excelência, no estrangeiro? Este sujeito que, como nos lembra Lambotte (2000) talvez tenha: “[...] um sentido de identidade originário falho, incapaz de reconhecer uma morada reconhecidamente sua (p. 85).

Retornando então à idéia da migração a partir de uma fragilidade narcísica, como um *segundo espelho*, questionamo-nos sobre a efetividade desta busca. Até que ponto pode ser uma reorganização do psiquismo e em que momento vira mania? Pensamos que no caso de algumas meninas – para as quais o corpo da mãe nunca se apresentou como refúgio, pátria ou casa, o novo parece ser a saída psíquica maniacamente buscada, como se a elas somente restasse migrar, migrar, migrar. Interessante pensar que os Estados Unidos é um país fundado na oferta da constituição do novo. Na possibilidade de se ter uma

nova identidade; talvez por isso seja o país de imigrantes. Atualmente podemos assistir nas eleições presidenciais americanas²⁰ o apelo popular que tem o novo. O candidato que promete uma nova gestão, uma nova identidade ao país, acertadamente entendeu a demanda desta nação para seu líder. Por que tem que ser novo? A questão da busca de uma nova identidade pode terminar numa incessante busca de uma nova roupagem, numa errância, perpetuando uma condição de abandono, sem haver aquisição.

A este respeito, um recuo se faz necessário, pois, como nos lembram Rosa et al (2007) o movimento incessante também faz parte do ser sujeito. Ela nos diz que:

Ser sujeito não é essência, mas movimento, errância, um caminhar incessante em seu pensamento, vida sem repouso, sem medir distâncias. Assim a migração, os atos de errância e nomadismo, não são maldição ou bênção, mas uma possibilidade do sujeito que em seu movimento de exílio, regresso e solidão pode estabelecer uma

²⁰ Barack Obama, candidato à presidência dos Estados Unidos e sua família.



abertura radical e primeira ao Outro, anterior a qualquer identidade.
(p. 7)

No entanto, quem em “sã consciência” opta por uma migração, a uma abertura radical ao Outro? A pergunta que certamente emerge é se de fato o sujeito quer se encontrar com o estrangeiro. Esta questão pode ser mais bem colocada pelo comentário de um paciente, que dizia: “Eu gosto de morar na ilha porque lá eu me escondo. Atravesso a ponte e não preciso ficar exposto à minha família em São Paulo.” Esse era um paciente sobre o qual nos perguntávamos: até que ponto ele ficará só pulando de ilha e nunca construirá um objeto? Citaremos um trecho sobre tradução que introduz, por analogia, aspectos importantes a serem considerados em qualquer processo migratório. Em seu livro, *A prova do estrangeiro*, diz Berman (2002):

Está na hora de meditar sobre esse estatuto reprimido da tradução e sobre o conjunto de resistências que ele testemunha. O que poderia ser formulado assim: toda cultura resiste à tradução mesmo que necessite essencialmente dela. A própria visada da tradução – abrir no nível da escrita uma certa relação com o Outro, fecundar o Próprio pela mediação do Estrangeiro – choca-se de frente com a estrutura etnocêntrica de qualquer cultura, ou essa espécie de narcisismo que faz com que toda sociedade deseje ser um Todo puro e não misturado. Na tradução, há alguma coisa da violência da mestiçagem. Herder sentiu isso quando comparou uma língua que ainda não traduzira a uma moça virgem. Pouco importa que, no nível da realidade, uma cultura e uma língua virgens sejam tão fictícias quanto uma raça pura. Trata-se aqui de desejos inconscientes. Qualquer cultura desejaria ser suficiente em si mesma para, a partir dessa suficiência imaginária, ao mesmo tempo brilhar sobre as outras e apropriar-se de seu patrimônio. (p. 16)

Em Clastres, pudemos constatar como nas comunidades primitivas a troca é vista como um “mal necessário”. Para esse autor, o problema constante dessas

comunidades não é como fazer a troca (ou, se preferirmos, o contato com o estrangeiro), mas como manter sua independência.

Ainda em relação à nossa questão de se é possível (re)construir a casa ou trata-se de abrigar a ilusão de uma nova experiência, parece-nos que quando se trata de uma migração sob o modelo da paixão, o aspecto da alteridade se vê reduzido. No tocante a este aspecto Lambotte (2000) vai na mesma direção dizendo que o outro existe na melancolia, mas o objeto que o melancólico almeja é o ideal. Ela nos diz ainda que:

[...] detendo seu estatuto pela boa vontade do Outro, o sujeito não cessará de negar a origem que lhe escapa, sempre temendo perder o amor daqueles que lhe asseguraram, apesar de tudo, um semblante de reconhecimento e à imitação dos quais ele contraiu outros vínculos, ele balança entre o risco do abandono e a exaltação de um segundo nascimento que lhe seria, desta vez, inteiramente devido. Ilusão ou realidade? Os dois juntos provavelmente, para um sujeito que se obstina em redefinir-se em bases cujas fundações não conhece. (p. 83)

No modelo da paixão como melancolia a ilusão é a de que o objeto ideal virá restituir a completude narcísica. Em seu livro *Lógica das paixões*, Roland Gori (2004) coloca que:

[...] a paixão funciona como um obturador. E, que enquanto paramento, ela vem obliterar uma perda originária. Esta, que de fato se encontra na nascente do fenômeno passional [...] Neste sentido, esse pavor ou esse sentimento de desamparo devidos ao abandono vivido durante os estados passionais não são os efeitos da paixão, mas o que a produz a fim de dar um nome e uma imagem, em outras palavras, uma representação a uma paixão originária da qual não mais nos lembramos. (p. 33)

Vimos com Laura, que a paciente buscava alguém para curá-la: como a pátria de “Tio Sam”, o pai ideal que foi perdido, ou seu salvador. É também desta forma que chegamos a uma análise, numa paixão de transferência, vítimas por não sermos ou não termos o objeto ideal. Em *Fragmentos de um discurso amoroso*, Roland Barthes (2003), inspirado no conceito do temor do Colapso,²¹ nos diz:

Do mesmo modo, parece-me, para a angústia de amor: ela é o temor de um luto que já houve, desde a origem do amor, desde o momento em que fui surpreendido. Seria preciso que alguém me dissesse: “Não se angustie mais, você já o perdeu”. (p. 26)

Temos talvez aí a possibilidade de início do amor; aqui talvez seja de fato, o começo de uma análise. Inicia-se aí uma relação com a estrangeiridade, com a alteridade, pois é do humano resistir ao encontro com o outro, mas este encontro é essencial ao sujeito. Berman (2002) nos diz: “A essência da tradução é abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é nada” (p. 17). O paradoxo do sujeito que migra segundo o modelo da dimensão melancólica é a escolha, por ele, de objeto na mesmidade, quando de fato o que ele precisa é do laço, é do outro. O sujeito que migra segundo este modelo faz de tudo para pedir que alguém o ouça, mas só o estrangeiro pode fazê-lo.

²¹ Aqui Barthes baseia-se no conceito de “O temor do Colapso” de Winnicott- definido como o medo de um acontecimento passado que ainda não foi experienciado. Segundo o autor, “[...] a necessidade de experiênciá-lo é equivalente à necessidade de lembrar nos termos da análise dos psiconeuróticos” (p. 76).

6. CONCLUSÃO

Em psicanálise a relação de um eu com o Outro (cultura, linguagem) é primordial. O eu constitui-se a partir do Outro, sem o qual nem poderia se falar em eu porque sem o Outro este eu não existe. O que talvez tenha implicitamente animado este estudo desde sempre foi pensar como a mudança deste Outro incide sobre o eu. Esta questão está além de uma clínica da migração e do exílio, pois diz respeito a uma epistemologia das relações do humano e, por conseguinte, de interesse clínico/social. Nesta vertente, os estudos sobre a migração se mostraram privilegiados, pois tornou possível investigar esta forma aparentemente experimental da exposição a um Outro, ao estrangeiro, a um desconhecido. Constatamos que os deslocamentos são possíveis, mas a maneira como o eu está constituído acaba sendo fundante para determinar a migração para o sujeito. Essa constatação nos traz de volta à nosso pressuposto inicial de que não é possível falar de migração, mas sim migrações.

A partir do caso clínico foi possível identificar três formas de migração que chamamos de: “Migração e a função do estrangeiro”, “Migração como ‘espaço entre’” e “Migração e segundo espelho”. Passemos à cada uma delas:

1. “Migração e a função do estrangeiro” – (Re)construção Paterna – Gostaríamos de nos referir a Charles Melman (1992) que fala do processo de

histerização como consequência da migração. Segundo ele, há uma "produção da histeria na medida em que o movimento migratório supõe um passo fora da filiação" (p. 75). A partir de nosso caso clínico, pensamos que é possível considerar outras formas de passagem pela migração. Entendemos a paciente Laura como um exemplo diferente: apesar dos aspectos imaginários presentes (ou seja, a tentativa de manter vivo o pai ideal) acreditamos, que sua migração não se configura como um passo fora, mas como uma tentativa de busca de um encontro com a filiação, pois a paciente consegue em sua migração dar um certo estatuto simbólico às suas perdas, podendo finalmente enterrar a figura paterna, que finalmente pôde tornar-se memória, tristeza, saudade.

2. "Migração como 'espaço entre'" – Esta forma de migrar nos levou a entender os momentos de travessia/ritualísticos – como a migração por exemplo – como possibilitadores da eclosão de *pathos*. Aqui está o ponto que nos auxilia em nossa questão: só é possível falar de (re)construção na migração porque há o estrangeiro, a ruptura e uma eclosão de *pathos*. Aí reside a possibilidade de uma ressignificação, de uma reconstrução. É na perda de uma posição que é possível articular outra. É quase como se fosse necessário repetir o processo de castração/falta para que o simbólico se re (estabelecesse) e se (re) instalasse. No entanto, *pathos* por si só não garante uma reorganização psíquica; pelo contrário, "pode levar à morte se não for ouvido por alguém que está fora, pelo estrangeiro, por aquele que pode cuidar dela" (Fédida, 1988, p. 29). Desta forma, encontramos as seguintes saídas psíquicas para este "Espaço entre":

a) De “enlouquecimento/morte” do sujeito se *pathos* não for ouvido por alguém de fora (O que parece se articular com o enorme número de casos de surtos, alcoolismo, depressão, nos migrantes);

b) De possibilidade de deslocamento de lugar (como no caso de Laura);

c) De refúgio num “No man’s land” (como na ilegalidade, no caso do sujeito que quer estar fora do laço social).

A identidade para todos os possíveis como nos diz Zygmunt Bauman (1995), que observamos neste “Espaço Entre” é análogo ao processo psicanalítico.

Aqui cabe também dizer que a escolha por um método em detrimento de outro tem sempre consequências epistêmicas que devem ser consideradas. Ao optarmos pelo Método Clínico estamos nos referindo, em nossas investigações, a sujeitos que estão ou que já estiveram em processo analítico. Os deslocamentos psíquicos descritos nesta pesquisa foram realizados por sujeitos em análise. Para próximos estudos, seria igualmente interessante a utilização de entrevistas de campo para complementar os resultados encontrados através do presente método.

3- “ Migração e segundo espelho/Reconstrução materna” – Ao considerar uma tentativa de (re)construção na experiência migratória, o sujeito sai de uma condição vitimizante para uma condição de autor e pode ser reconhecido na sua condição de sujeito, independentemente de se tratar de uma migração bem-sucedida do ponto de vista de deslocamento psíquico. Até mesmo porque deslocamento de lugar não equivale a lugar de deslocamento psíquico, visto os

casos chamados “Vida tipo exportação” ou “*Life style* para brasileiro ver” em que a migração tem a função primeira de proporcionar que o sujeito mantenha ou se posicione como o ideal.

Propor que o sujeito é autor e não vítima, mesmo nas situações de auto-exílio é uma afirmação delicada e talvez não muito correta politicamente, pois pode ser mal compreendida. A questão econômica e social – no caso do Brasil pelo menos – é sempre pano de fundo e não deve nunca ser desconsiderada. Inclusive, nossa posição de que o migrante é autor de sua própria história e “as outras posições” (econômica, social) não são excludentes. Uma fragilidade na simbolização do pai no âmbito singular e social é, na verdade, o que parece estar na base e aproximar os sintomas ditos sociais como, por exemplo, a delinquência, a prostituição e a migração. De fato, em “Totem e tabu”, Freud (1913) aponta para sua descoberta de que: os problemas da psicologia social se mostram solúveis com base num único ponto concreto: a relação do homem com o pai” (p. 158). Por fazermos esta mesma descoberta ao longo deste estudo, utilizamos temas como a adolescência e ritos de passagem em tribos primitivas (no caso da ilegalidade), de modo a ter subsídio teórico para nossas investigações, já que a própria literatura do tema sob esta vertente era escassa.

Não era nossa intenção primeira fazer uma investigação sobre a migração da mulher. Este aspecto da singularidade de nossa paciente nos levou, no decorrer do trabalho, à especificidade relacionada ao gênero, explicitada pela antropologia. Então constatamos o que Freud já havia descoberto: *a casa das meninas não é a mesma casa dos meninos. Portanto, o processo de subjetivação e encontro com o Outro não pode ser o mesmo.*

A antropologia também nos mostrou que migrar pode estar referido a uma verdadeira metáfora dos caminhos percorridos pelo sujeito em seu processo exogâmico. Neste estudo encontramos pelo menos dois desdobramentos para o processo na migração:

a) De busca da estrangeiridade e maior possibilidade de contato com o outro.

Parece que a pré-condição para uma maior aproximação com a alteridade, como já foi dito anteriormente, se dá a partir de um “eu bem constituído” ou, nas palavras de Berlinck,²² que nos diz que para habitar a estrangeiridade é necessário ter pátria.

b) Da migração como um segundo espelho – Para reconstruir a casa, pátria ou clã. A questão que fica em aberto é: quando o sujeito vai parar de ficar esperando o amor da mãe? Trouxemos o modelo da paixão, ou da melancolia erótica, como algo que ilude, cega este sujeito que fica mendigando, ou oferecendo-se em sacrifício diante do espelho para construir ou reconstruir a casa. Sobre esta questão gostaríamos de trazer aqui o discurso de um pai durante o casamento de um casal de migrantes que estava em seu país de origem somente para as bodas, e que depois voltaria a morar fora. Parafraseando um poeta espanhol, o pai disse aos noivos:

²² Berlinck faz esta referência em nota em PASTORI, Suzana. *Mudança de lugar/ lugar de mudança- Impasses psíquicos no processo migratório*. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP, 2006.

“Um dia me perguntaram:

– Onde é a sua casa?

Eis que eu respondi:

– Minha casa é onde mora o meu amor...”

7. REFERÊNCIAS

AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro: Imago 1979.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

BARICCO, Alessandro. *Silk*. Vintage International, 2007.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. São Paulo: Arx, 2004.

_____. Gide. In: *Mythe et violence*. Paris: Denoel, 1971.

BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

_____. Incesto e exogamia. *Pulsional Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XVI, n. 182, jun.2005.

_____. Editorial. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n. 2, p., jun.2007.

BERLINCK, Manoel Tosta; MAGALHÃES, Maria Cristina. Seminário clínico: da paixão pelo estrangeiro à experiência clínica. *Percursos*, São Paulo, Ano XV, n. 31-32, 1º semestre/2004.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2002.

BLEICHMAR, Hugo. *O narcisismo*. Estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil!* Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil. 6. ed. São Paulo: Escuta, 2000.

CALLIGARIS, Eliana. Prostitutas vão para casa na Sexta-Feira Santa. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E VII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 2004, Rio de Janeiro.

_____. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005.

CAMÕES, Luís. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988.

CLASTRES, Pierre. *Arqueologia da violência* – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DE BIAGGI, Sylvia Dantas; PAIVA, Geraldo José (Orgs.). *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DOR, Joël. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ETCHEGOYEN, Ricardo Horacio. *Fundamentos da técnica psicanalítica*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

FÉDIDA, Pierre. L'objet. Objet, jeu et enfance. L'espace psychothérapeutique. In: *L'absence*. Paris: Gallimard, 1978.

_____. *Clínica psicanalítica: estudos*. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. *Nome, figura, e memória*. A linguagem na situação psicanalítica. São Paulo: Escuta, 1991.

FERENCZI, Sándor (1992). Confusão de língua ente os adultos e a criança. In: *Obras Completas de Sandor Ferenczi*. São Paulo: Martins Fontes. v. IV.

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. II.

_____. (1909). Romances familiares. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. IX, p.

_____. (1913). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIII, p. 11-161.

_____. (1914). A história do movimento psicanalítico. Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIV.

_____. (1917). Luto e melancolia. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XIV.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVIII

_____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXI.

_____. (1933 [1932]). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXII.

_____. (1940[1938]). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XXII.

FERRAND, Jacques (1623). *Melancolia erótica*. Madrid: Asociación Española de Neuropsiquiatria, 1996.

GEOFFROY, Mirian Anne; SILVA, Kelly Cristina Brandão da. A “instituição estourada” como jogo do fort-da de Jacques Lacan ao conceito de “instituição estourada” da escola experimental de Bonneuil-Surmarne. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 9, n. 17, dez/2004.

GONÇALVES DIAS, Antonio. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

GORI, Roland. *Lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

HASSOUN, Jacques. *A crueldade melancólica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

HATOUM, Milton. *Cinzas do Norte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

KOLTAI, Caterina. Desamparo e a questão do estrangeiro. *Psychê: Revista de Psicanálise*. São Paulo, ano IV, n. 6, 2000a.

_____. (Org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta/Fapesp, 1998. *Política e psicanálise*. O estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000b.

KUNDERA, Milan. *The book of laughter and forgetting*. London: Faber & Faber, 1996.

LACAN, Jacques (1949). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAMBOTTE, Marie-Claude. *A estética da melancolia*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

LEMONS, Miriam Pereira. A porta da rua. In: Comissão de Periódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Adolescência: um problema de fronteiras*. Porto Alegre: APPOA, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1908). *As estruturas elementares do parentesco*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAGTAZ, Ana Cecilia. *Distúrbios da oralidade na melancolia*. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC/SP.

MANNONI, Maud. *Amor, ódio e separação: o reencontro com a linguagem esquecida na infância*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MCDUGALL, Joyce. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Eliana Dable. O espaço público na passagem adolescente. In: Comissão de Periódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Org.). *Adolescência: um problema de fronteiras*. Porto Alegre: APPOA, 2004.

MELMAN, Charles. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.

MONTAIGNE, Michel Eyquem De. [1580]. *Ensaio I*. Brasília: Universidade de Brasília/Hucitec, 1987.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história*. Suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

PONTALIS, Jean-Bertrand. *A força da atração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

ROSA, Miriam Debieux; CARIGNATO, Taeco Toma; BERTA, Sandra Letícia. Metáforas do deslocamento: migrantes, imigrantes e refugiados e a condição errante do desejo. In: COSTA, Ana; RINALDI, Doris (Orgs.). *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2007. v. 1.

SALGADO, Sebastião. *Êxodos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SAURET, Marie-Jean. In: Seção São Paulo da escola brasileira de psicanálise e pelo instituto de pesquisas em psicanálise de São Paulo. *O infantil e a estrutura*. Comentário sobre o texto de Jacques Lacan “Duas notas sobre a criança”. São Paulo: EBP-SP, 1998.

SENA, Jorge. *Poesia III*. Lisboa: Edições 70, 1989.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar. A atividade criativa e a busca do eu. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. Comunicação e não-comunicação levando ao estudo de certos opostos. In: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

_____. *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

ZYGOURIS, Radmila. *Ah! As belas lições!* São Paulo: Escuta, 1995.

FILMES:

O ANO em que meus pais saíram de férias. Direção de Cao Hamburger e Fabiano Gullane. Buena Vista Internacional, 2006. 1 DVD (110 min.). Son., color.

O PASSAGEIRO. Direção de Michelangelo Antonioni. Carlos Ponti, 1975. 1 DVD (122 min.). Son., color.

ROCCO e seus irmãos. Direção de Luchino Visconti. Itália: Tithanus, Les Filmes Marceou, Versátil, 1960. 1 DVD (175 min.). Son., p&b.